

Revista Brasileira de Folclore



32

Ministério da Educação e Cultura

CAMPANHA DE DEFESA DO
FOLCLORE BRASILEIRO

Cabe à Campanha, em plano nacional:

a

promover registros, pesquisas e levantamentos, cursos de formação e de especialização, exposições, publicações, festivais;

b

proteger o patrimônio folclórico, as artes e os folguedos populares;

c

organizar museus, bibliotecas, filмотecas, fonotecas e centros de documentação;

d

manter intercâmbio com entidades congêneres;

e

divulgar o folclore;

Rua da Imprensa n.º 16, 6.º andar, salas
603/605

Telefone 224-9549

Endereço Telegráfico EDFOLCLORE

Caixa Postal 1897-ZC-P

20000 - Rio de Janeiro - GB - Brasil

Revista Brasileira de Folclore

Ano XII N.º 32
Janeiro/abril de 1972



Ministério da Educação e Cultura
Departamento de Assuntos
Culturais
Campanha de Defesa do
Folclore Brasileiro

Campanha de Defesa
do Folclore Brasileiro

Rua da Imprensa n.º 16, 6.º andar,
salas 609/610
Telefone 224-9549
Endereço telegráfico Edfolclore
Caixa Postal 1897 - ZC-P
20000 - Rio de Janeiro GB - Brasil

Diretor-Executivo Renato Almeida

Conselho Nacional do Folclore

Presidente S. Exa. o Senhor Ministro da Edu-
cação e Cultura, Jarbas Gonçalves
Passarinho

Vice-Presidente Rossini Tavares de Lima

Membros Renato Almeida
Oneyda Alvarenga
Théo Brandão
Oswaldo R. Cabral
Edison Carneiro
Luis da Câmara Cascudo
Manuel Dégues Júnior
José Loureiro Fernandes
Dante de Laytano
Alres da Matta Machado Filho
Guilherme Santos Neves

Revista Brasileira de Folclore

Redação

Vicente Salles
Sinval Westin
Norman Vianna
Wilson Machado

Redator-Chefe

Capa Xilogravura de Stenlo Diniz, artista
popular de Juazeiro do Norte, Es-
tado do Ceará.

Índice

Curran, Mark J. — A "Página Editorial" do Poeta Popular ..	5/16
Fernandes, Waldemar Iglésias — Um Velho Caderno Sul-Mineiro	17/44
Rodrigues, An'Augusta — O Jaraguá	45/64
Silva, Francisco Pereira da — Tontinha	65/68
Noticiário	69/80
Bibliografia	81/86
Revistas e Periódicos	87/90
Documentário — A Medicina do Doutor Sampaio, por Wilson Ma- chado	91/95

INICIADOS PELOS ESTUDIOSOS como Luís da Câmara Cascudo, Gustavo Barroso, Leonardo Mota, e outros, e continuados hoje em dia pelos esforços da Casa de Rui Barbosa e da Campanha Nacional do Folclore em sua Revista Brasileira de Folclore, e outras entidades de pesquisa, o interesse e os estudos sobre a poesia popular vêm aumentando de maneira a se compreender melhor este importante estudo especialmente dedicado à contracapa do folheto da Literatura de Cordel, a "página editorial" do poeta popular. Daí, o desejo de divulgar alguma coisa sobre o tema.

Este escritor começou, há cinco anos, uma pesquisa sobre a Literatura de Cordel, pesquisa que chegou a ser pequena mania de professor de literatura. O que começou como tese sobre a relação entre a poesia popular e a literatura culta se transformou numa tentativa de compreender o espírito do povo nordestino. Daí vieram estudos mais ligados ao pensamento e à ideologia do poeta popular do que a poesia como entidade simplesmente estética.

O poeta popular é realmente o representante do povo, o pequeno repórter dos acontecimentos na vida nordestina. Pois bem, para compreender o poeta popular do Nordeste se pode fazer a leitura minuciosa dos folhetos, fazer entrevistas, ou fazer a leitura dos ensaios dos estudiosos do assunto. Mas, além disso, encontrei outra fonte, tão rica como aquelas mencionadas: as contracapas dos folhetos. Aí se revela outro aspecto da complexa personalidade do poeta, sua "página editorial". Constitui a base deste estudo a própria coleção de mais de mil folhetos diferentes. Deles, se escolheu uma amostra de folhetos que indicasse exemplos do conteúdo das contracapas de toda a Literatura de Cordel. A amostra foi reduzida uma segunda vez com a oitenta folhetos, quantidade julgada suficiente para a pesquisa. Resultaram as seguintes categorias ou temas classificados segundo o propósito editorial do poeta que imprimiu o folheto:

- 1) Propaganda poética do poeta-editor.
- 2) Propaganda comercial paga ao poeta-editor.

- 3) Propaganda política-paga ou voluntária.
- 4) Orações atribuídas ao Padre Cícero de Juazeiro.
- 5) Homenagens feitas pelo poeta-editor.
- 6) Propaganda de horóscopos e astrologia popular.
- 7) Dados biográficos dos poetas, condecorações e aniversários deles.
- 8) Notícias e propaganda das organizações poéticas.
- 9) Declarações sobre as qualidades estéticas da poesia.
- 10) Declarações dos direitos autorais.

Antes de fazer observações sobre os vários temas das contracapas, torna-se necessário explicar e resumir a estrutura comercial da Literatura de Cordel. A contracapa se dirige tanto aos agentes do editor quanto ao freguês. Da estrutura comercial vêem-se a razão de ser da contracapa, os motivos e declarações do poeta-editor que nela aparecem.

Noutro estudo que deve sair na Imprensa Universitária de Pernambuco, este escritor delineou a relação comercial existente entre o poeta, e o revendedor de folhetos. É uma forma evoluída da velha estrutura comercial da poesia oral do Nordeste. É preciso conhecer a origem da Literatura de Cordel no Brasil para ver a importância desta evolução à forma escrita da poesia. Como se sabe, a Literatura de Cordel no Nordeste foi iniciada no fim do século dezanove. O nome e a tradição desta literatura popular vieram da Península Ibérica, da Literatura de Cordel de Portugal, dos pliegos sueltos da Espanha e da Literature de Colportage da França.

Os folhetos nacionais foram introduzidos pelo cantador Silvino Pirauá Lima¹, e, depois, pela grande dupla de Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. Ao começo da publicação no Brasil da Literatura de Cordel muitos dos autores de folhetos eram também poetas orais, chamados cantadores, que improvisavam versos. Com a fundação e o emprego de imprensas particulares em casas e barracas de poetas, e o subsequente dilúvio de poemas escritos, veio uma mudança na estrutura comunicativa: ao cantor viajante, que contava com o seu pequeno público regional nas fazendas, vilarejos e cidades pequenas do sertão, foi aumentado pelo sedentário autor de folhetos. Este podia ficar num lugar a maior parte do tempo, porque suas obras podiam ser vendidas por folheteiros ou revendedores empregados pelo poeta próspero. Esta nova estrutura facilitou a evolução ao poeta-editor, que vivia completamente da publicação de sua poesia e da poesia adquirida de outros poetas. Com um êxito razoável nas vendas, um poeta podia ter sua própria imprensa, uma pequena tipografia, e se utilizar de revendedores de folhetos². Hoje em dia, com melhores estradas, com sistema mais desenvolvido de transporte público, e com o emprego do correio, o comércio do poeta-editor aumentou consideravelmente. Há, por exemplo, uma editora popular em Juazeiro do Norte que manda centenas de milhares de exemplares de folhetos, pelo correio, para o Rio de Janeiro e São Paulo. Em resumo, esta evolução para a poesia popular escrita trouxe a fundação e o crescimento da organização de

vender e a relação que existe ainda hoje entre o poeta, o editor e o revendedor. O autor de folhetos pode pertencer às seguintes categorias:

- 1) O poeta que imprime os próprios folhetos, ou por falta de recursos ou por outra razão. Terá, então, que vender seus versos a um editor, que os imprimirá. O editor, ou comprará os direitos autorais, fazendo pagamento à vista ou por exemplares do folheto que serão vendidos pelo poeta, ou cobrará simplesmente para a publicação do folheto para o poeta.
- 2) O poeta próspero, que possui sua própria tipografia, assim levando o título de editor. Pode escrever ou não. Se escreve, os folhetos de sua autoria devem levar na capa, depois de seu nome o título **Autor-Proprietário**. Se não, seu nome só levará o título **Proprietário**,⁽³⁾ e o nome do autor do poema também deve aparecer na capa. Existe o caso do editor que escreve e também viaja, vendendo folhetos nos mercados e feiras-livres das pequenas cidades do interior e das cidades da costa.
- 3) O agente ou revendedor de folhetos, chamado folheteiro. Ele talvez venda e não escreva, ou talvez seja autor que vende seus próprios folhetos impressos ou por um editor, ou seja também editor.

Este sistema, realmente menos complexo do que parece, existe ainda hoje. É necessário compreendê-lo para decifrar as questões de direitos autorais e apreciar a propaganda das contracapas.

AS CONTRACAPAS: TEMAS

1. Propaganda poética do poeta-editor

Dos folhetos vistos para este estudo, a maior parte cabe nesta categoria. (Dos oitenta folhetos escolhidos de mais de mil para formar uma amostra, havia dezesseis contracapas de dezesseis diferentes editoras nesta categoria). Informação básica para qualquer coletânea de folhetos, e mesmo para o revendedor interessado em ampliar seu oferecimento ao público, este estilo de contracapa é como a página dos anúncios classificados do jornal urbano. Contém, geralmente, o nome e endereço do editor, as mudanças de endereços do mesmo editor, os outros folhetos oferecidos pela mesma editora, os preços especiais em grosso para o revendedor e a varejo para o público, e os endereços de outras editoras cujos estoques se vendem nesta editora. Além destas informações básicas, há, às vezes, pedidos do editor ao público, solicitando possíveis agentes ou revendedores e oferecendo descontos para atraí-los. Há, de vez em quando, notícias de uma transação em que esta editora compra outra ou anúncios de compartimentos nos mercados ou feiras-livres, onde a editora tem barraca e agente. A contracapa também relata os outros serviços da editora como o de fazer horóscopos, carimbos ou clichês.

4. Orações atribuídas ao Padre Cicero Romão

Há várias editoras de poesia popular. A maior do Nordeste localiza-se em Juazeiro do Norte. Juazeiro é a cidade do famoso padre ainda hoje objeto de culto religioso e popular. Principalmente, mas não exclusivamente estas editoras imprimem uma contracapa com uma oração atribuída ao próprio Padre. Para um público muito religioso e devoto do Padre Cicero, a oração torna-se mais um estímulo para a compra do produto do poeta-editor. E, segundo se ouve na feira, quase da mesma eficácia de uma medalha ou imagem do padre. Há freguesas que compram o folheto só por causa da oração na contracapa. Interessante foi o caso de um pequeno lavrador num sítio no Cariri. Interrogado se comprava ou possuía estórias em verso, o matuto sorriu, correu para a casa pobre e pequena, e trouxe umas vinte estórias, todas sobre o Padre Cicero. Tais orações são recomendadas antes do começo "de qualquer viagem ou trabalho". Uma delas diz o seguinte:

"Quem rezar esta oração não morrerá de desastre, não será ofendido pelos inimigos, não morrerá afogado e a mulher estando em parto perigoso com esta Oração será logo aliviada".(10)

5. Homenagens feitas pelo poeta-editor

Sempre havia solidariedade de classe entre os poetas populares. Este sentimento cresceu e ficou com enfeites de profissionalismo com o estabelecimento de entidades como a Associação Nacional de Trovadores e Viroleiros (ANTV) em 1955, e depois sua sucessora, o Grêmio Brasileiro de Trovadores (GBT). Jornais como *A Voz do Trovador* e *O Trovador* também contribuíam para espírito de classe dos poetas da Literatura de Cordel. Os jornais contêm notícias de novas publicações, congressos de trovadores, e homenagens a vários poetas. As contracapas de alguns folhetos também se empregam no papel de classificado de jornal quando apresentam notícias de tais acontecimentos, e especialmente coisas importantes na profissão. Um exemplo disso é a contracapa dedicada a poeta já falecido, em forma de homenagem, um elogio póstumo pela classe poética a um colega. Um caso, que julgamos de interesse, é a "Homenagem Póstuma" do poeta Manoel Camilo dos Santos ao colega falecido, José Camelo de Melo Resende. Trata-se de uma, entre muitas, dedicada aos falecidos mestres da Literatura de Cordel. Manoel Camilo dos Santos se queixa dos outros poetas que, evidentemente, não sentiram como ele falta do finado poeta (ou pelo menos não o disseram em folheto), e expressa seu próprio pesar:

José Camêlo de Melo Resende, morreu no dia 28 de outubro de 1964, e, enquanto alguns dos seus parentes e a maior parte dos seus colegas, indiferentes à perda irreparável daquele que ficara insubstituível a nossa visão poética sentimental, abriu via-lúctea no espaço, de onde seres extraterrenos, de clâmides flutuantes, (que indubitavelmente eram os grandes poetas do mundo astral) todos de fronteiras pulcradas de ondulações radiosas, desiam o firmamento, com as mãos agrihondas umas nas outras as quais pendiam horizontalmente longas faixas azuis, onde em legenda de caráter diamantino, lia-se o seguinte: "Glória no grande e imortal poeta do século vinte", e entre cânticos uníssonos, preces se faziam ouvir,

a bem do recém-desencarnado... predicamos ao Todo Poderoso que: — Miraculosa e misericordiosamente transforme aquele granel este [astro] poético de José Camelo, em santa e sedosa redeira de descanso eterno; onde o poeta os Pilézinhas, a espera os seus muitos colegas (os que não sentiram nem lamentaram a sua morte) cante versos extrapoéticos, e glorificando a Deus, pela grandeza de sua misericórdia.(11)

Existem outros estilos de homenagens. Num folheto de Minelvino Francisco Silva, um dos inspirados a fundar a ANTV, há na contracapa a "Homenagem ao Poeta Antônio de Castro Alves", (o poeta patrono do GBT):

Neste vasto terreno brasileiro
Ao poeta baiano d'ão louvares
Do poeta formado no violino
Até mesmo os humildes trovadores.(12)

Vê-se a unidade de classe do vate popular.

6. Propaganda de Horóscopos e Astrologia Popular

Assunto muito apreciado pelo público da Literatura de Cordel é o adivinhar o futuro do indivíduo ou as datas favoráveis ao cultivo da terra. Assim é que o *Almanaque do Nordeste Brasileiro*, em forma de folheto, e os serviços oferecidos para horóscopos por muitos editores de folhetos aparecem nas contracapas das editoras. As editoras de José Bernardo da Silva e Manoel Caboclo e Silva em Juazeiro do Norte (José Joavilim Silva em Caruaru, José Costa Leite em Condado, e Manoel Luís dos Santos, em São José do Egito, só são algumas que oferecem este serviço. Segundo Luís da Câmara Cascudo, a astrologia sempre foi ligada à cultura do povo sertanejo e ao cantador de poesias improvisadas. Entre os três livros mais pedidos no sertão encontra-se o *Lunário Perpétuo*. Os velhos desafios em verso muitas vezes se baseavam em tal livro. Assim é que, ainda hoje, o descendente do cantador, o poeta popular, tem grande interesse na astrologia, transmitindo-o para o seu público. Na contracapa dum folheto de José Costa Leite acha-se o seguinte anúncio:

"O *Calendário Brasileiro* — o mais afamado, o mais procurado, o mais desejado, o mais disputado, o mais invejado, o mais imitado e nunca igualado. Quem o comprar uma vez, para sempre fica freguês. Compre, leia, coleccione e guarde."(13)

Vê-se que o poeta, mesmo na propaganda, não pode deixar de empregar as técnicas do ofício: a hipérbole e a rima. Pois bem, além dos calendários e almanaques mais usados pelos pequenos lavradores, o horóscopo está na moda, e o editor, que oferece este serviço mediante certa quantia, mandará ao leitor que lhe escrever, seu prognóstico do futuro.

7. Dados biográficos dos poetas, seus aniversários e condecorações.

Note-se que, entre muitos poetas, há alguns naturalmente mais talentosos, e, daí, interessantes para o leitor. Por isso, em qualquer

estudo da Literatura de Cordel, há certos poetas que se destacam em certa matéria, por exemplo, na sátira um Leandro Gomes de Barros, na reportagem do cangaço, um Francisco das Chagas Batista ou um João Martins de Ataíde, ou na lírica, um Manoel Camilo dos Santos. Mas, todos os bons poetas populares têm consciência e orgulho de seus talentos e atributos. Um mestre, por causa de sua contribuição na organização de classe, na publicação de centenas de folhetos diferentes, e na reportagem de acontecimentos históricos é o poeta-editor Rodolfo Coelho Cavalcante. Talvez, por isso, a autolouvação de Cavalcante, porque ele é um entre muitos, mas serve como bom exemplo na categoria de contracapa. (A *Autobiografia do Poeta Manoel Camilo dos Santos* é excelente exemplo deste orgulho de poeta, e informação valiosa para saber da vida pessoal e pensamento de um poeta popular.) Rodolfo Coelho Cavalcante publica, de vez em quando, contracapas com as seguintes informações: "Dados biográficos do trovador RODOLFO COELHO CAVALCANTE";⁽¹⁴⁾ "CONDECORAÇÕES DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE" (Encontram-se 16 honras, medalhas e associações poéticas.);⁽¹⁵⁾ e um folheto que anuncia o fato de que "Aniversaria Rodolfo Coelho Cavalcante — 50 anos de existência; 25 anos de profissão como Trovador e 12 anos de Líder da Classe Troadoresca."⁽¹⁶⁾

Tais contracapas não diferem muito. Algumas são mais explícitas que as outras. Um José Bernardo da Silva, dizendo, que possui o maior estoque de folhetos no Norte do Brasil, é também indicativo do orgulho do poeta-editor.

8. Notícias e propaganda das organizações poéticas

É categoria pequena, mas, mesmo assim, importante. Rodolfo Coelho Cavalcante, como ex-presidente e secretário do Grêmio de Troadores Brasileiros, e Minelvíno Francisco Silva, como oficial da mesma organização, empregam, às vezes, as contracapas de seus folhetos para anunciar atividades do Grêmio. Assim é que aparecem anúncios para atrair novos sócios para o Grêmio (indicando o custo e mostrando as vantagens de ser sócio), e anúncios dos congressos dos trovadores organizados pelo GTB. Cavalcante aproveita a contracapa para pedir assinaturas para seu próprio jornal, *O Troador*, no qual divulga, além de coisas de seu próprio interesse, valiosas notícias dos poetas nortistas. Já foi acusado de se utilizar de seu posto no Grêmio em proveito próprio. Considerando-se a propaganda que o poeta-editor faz para os cantadores e poetas da Literatura de Cordel, parece agravo muito pequeno.

Mas, é nesta categoria de notícias quase "sociais", que a contracapa mais se assemelha, em seu propósito, à página social do jornal urbano. Tão importante para o poeta ou o seu agente quanto para o leitor interessado, porque divulga notícias de atividades às vezes difíceis de se achar noutra publicação.

9. Declarações sobre as qualidades estéticas da poesia

Também, em quantidade menor, mas de grande interesse no estudo da personalidade do poeta popular, são as contracapas que revelam o

aspecto lírico do vate popular. Não se quer dizer que todos os poetas assim o fazem. A maior parte só fala laconicamente de seu bom estoque de poemas, dos folhetos mais vendidos, ou de certa qualidade predominante nos seus versos, por exemplo, o humor, a sátira, ou a paixão dos amores. A declaração longa, então, é exceção à regra, mas, além de entrevistas pessoais, talvez revele o melhor "retrato" do poeta. Como o melhor exemplo, escolhamos o lírico e orgulhoso Manoel Camilo dos Santos. Procedimento normal, em muitos de seus folhetos, é o de divulgar as suas qualidades. Mais de um estudioso já citou o lirismo de seus poemas. A mesma qualidade poética se vê na propaganda da contracapa do poeta. Torna-se difícil escolher uma contracapa que contenha toda a filosofia estética do poeta, mas a seguinte talvez sirva para uma descrição da poesia do bom poeta popular:

"As poesias desta casa; instruí, alegre, e suaviza.

Instruí, porque os seus termos e palavras rigorosamente corrigidos, são tais quais nas boas explicações de professores condignos do ensino. (Salvo casos de descuidos).

Alegre, porque os seus gracejos adequados e isentos de imoralidades, despertam risos e alegria, enquanto o triunfo dos sofrendores satisfaz plenamente a todos leitores.

Suaviza, porque a urdidez, o bem contar das histórias e a correção das rimas, tem a suavidade do despontar da aurora em plena primavera; tem a maviosidade da brisa vespertina em uma praia vastíssima e queda, despertando em cada leitor, um prazer e um gosto na vida..."⁽¹⁶⁾

10. Declarações de direitos autorais

Talvez o problema mais complexo no estudo da Literatura de Cordel seja o dos direitos autorais. Mas, em compensação, tal complexidade responde pela anonimidade de muitos dos folhetos clássicos. A falta de autor conhecido marca a evolução da poesia popular para a poesia verdadeiramente folclórica. Lembrando a estrutura comercial do autor-editor-revendedor, discutida anteriormente neste ensaio, vê-se que os protestos contra apropriações de autoria se derivam daquela estrutura. Se todos os editores seguissem a lei não escrita de direitos autorais, não haveria a confusão que hoje se vê. Existem melos para proteger os direitos do poeta popular, os estatutos da velha Associação Nacional de Troadores e Violeiros,⁽¹⁷⁾ hoje o GTB, e o registro da tipografia como entidade publicadora na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.⁽¹⁸⁾ Mas, nem um nem outro são eficazes. Por isso, hoje em dia, ainda há os roubos de autoria por poetas e editores, às vezes pela deturpação do acróstico empregado como assinatura oficial por alguns autores, e mesmo o revendedor de folhetos dos outros às editoras em outra região do País. Por isso, existe o protesto zangado na contracapa do folheto contra a falta de respeito aos direitos autorais. Antes de se ver algumas contracapas, é preciso citar certos fatos importantes sobre a questão de autoria.

O caso mais famoso e documentado por este e outros escritores, foi aquele de Leandro Gomes de Barros, o poeta mais prolífico da Literatura de Cordel. Avalia-se que ele escreveu mil folhetos diferentes, com 10.000 tiragens ("edições" na terminologia dos poetas).⁽¹⁹⁾ Caso complexo. Aconteceu que, depois da morte do poeta popular, a viúva de

- (8) Manuel d'Almeida Filho, *A Espectacular Filtória de Jânio Quadros nos Eleições de 1960*, Manuel d'Almeida Filho, Aracaju, 1960, contracapa.
- (9) Cavalcante, R. C. *A Trágica Morte de John Kennedy*, Cavalcante, R. C., Salvador, 1963, contracapa.
- (10) José Costa Leite, *A Carta Misteriosa do Padre Clecro Rumão Batista*, Caetano Cosme da Silva, Juazeiro, s/d, contracapa.
- (11) Manoel Camilo dos Santos, *Um Amor Supliciado nas Graúdas da Detenção*, Manoel Camilo dos Santos, Campina Grande, s/d, contracapa.
- (12) Minevino Francisco Silva, *O Homem que Teve uma Criança no Estado de Alagoas*, Itabuna, 1966, contracapa.
- (13) Leite, J. C., *Peleja do Poetisa Baiano com a Sabiá do Sertão*, Leite, J. C., Canadão, s/d, contracapa.
- (14) Cavalcante, R. C., *Já Bebi, Não Bebo Mais*, Cavalcante, R. C., Jequié, 1966, contracapa.
- (15) Cavalcante, R. C., *Os Resultados dos Cabelados de Hoje em Dia*, Cavalcante, R. C., Jequié, 1966, contracapa.
- (16) Santos, Manoel Camilo, *O Rico Sem Ter Dinheiro*, Santos, M. C., Campina Grande, 1959, contracapa.
- (17) Cf. *Os Estatutos da Associação Nacional de Trovadores e Fioleiros*, ANTV, Salvador, 1955.
- (18) Cf. Manoel Camilo dos Santos, "Aviso Nacional", em *O Trovador* n. 58, Salvador agosto de 1956, p. 4.
- (19) Sebastião Nunes Batista, "Ainda o Seu a Seu Dono", em *Encontro com o Folclore* n.º 8, Rio de Janeiro, outubro de 1965, p. 1.
- (20) Cf. Mark J. Curran, *A Literatura de Cordel, Imprensa Universitária de Pernambuco*, a sair.
- (21) Cf. Batista, S., em "O Seu a Seu Dono", em *Encontro com o Folclore* n. 5, Rio de Janeiro, abril de 1965, p. 1.
- (22) *Literatura Popular em Verso; Catálogo*, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1962.
- (23) Cavalcante, R. C., *A Fida e os Sucessos do Cantor Roberto Carlos*, Cavalcante, R. C., 1966, contracapa.
- (24) João José dos Santos, "Azulão", *O Orfanato Macaêro*, João José dos Santos, s/1, s/d, contracapa.
- (25) Clecro Vieira, *A Filha de um Pirata*, Manoel Camilo dos Santos, Campina Grande, s/d, contracapa.

SUMMARY

The "Editorial Page" of the Popular Poet, by Mark J. Curran

In this essay Mark J. Curran (Arizona State University) points out the importance of the back cover of the *folheto popular* as the true editorial page of the popular poet of the *Literatura de Cordel* of Northeast Brazil. The poet provides professional, commercial, religious, political, and autobiographical data on his editorial page. It is basis for the commercial structure of the *Literatura de Cordel* as well as a medium for the diverse views of the poet-publisher.

Mark J. Curran; Assistant Professor of Spanish and Portuguese at Arizona State University in Tempe, Arizona.

RESUME

L' "Editorial Page" du Poète Populaire, par Mark J. Curran.

Dans cet essai Mark J. Curran (Arizona State University) fait ressortir l'importance de la partie postérieure du dos de la brochure du poète populaire comme la vraie page éditoriale du populaire poète de la *Literatura de Cordel* du Nord-est du Brésil. Dans cette page éditoriale le poète offre des éléments professionnels, commerciaux, religieux, politiques, et autobiographiques. C'est l'appui pour la structure commerciale de la *Literatura de Cordel* de même qu'un moyen de communication de masse pour envisager des différents points de vue du poète éditeur.

Mark J. Curran: — Professeur Assistant d'Espagnol et Portugais à l' "Arizona State University", en Tempe, Arizona.

(Coletânea de poesias, quadrinhas e modas de viola de autores anônimos e quase anônimos da zona rural de Pouso Alegre, registradas pelo falecido caudilco Dr. José Vilela dos Santos em sua mocidade.)

O CADERNO

NO DIA 7 DE JANEIRO DE 1972, em Pouso Alegre, Sul de Minas, foi-me oferecido pela viúva do Dr. José Vilela dos Santos um velho caderno de poesias, quadrinhas e modas de viola, de autoria dos colonos da fazenda do avô materno do seu marido, que se localizava onde é hoje o populoso Bairro das Cruzes. Registradas por ele mais ou menos em 1930 e conservado com extremo zelo e carinho.

Confiou-me a viúva, por intermédio da mana Shirley, o precioso manuscrito, achando que em meu poder se repetiria a mesma estima que o falecido lhe devotava. E que poderia dar-me proveito em meu trabalho de divulgação de nossas tradições e folclore.

Percorrendo com vivo entusiasmo as páginas amarelcidas, deparei com um saboroso repostório de poética roceira, tosca e ingênua, merecedora mesmo de publicação imediata.

QUEM FOI JOSÉ VILELA DOS SANTOS

NÃO O CONHECI PESSOALMENTE. Todos os dados aqui expostos me foram informados pela sua viúva.

Nasceu em Congonhal em 14-9-1914. Formado pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, em 1938, sempre viveu e exerceu a advocacia em Pouso Alegre, falecendo em 28-9-1971.

Dono de vasta biblioteca e sólida cultura, poliglota, excelente conversador.

Na sua adolescência ávida de conhecimentos e já amante de nossas tradições, teve a abençoada iniciativa de recolher num caderno um ma-

terial que talvez se perdesse lastimavelmente. E executou esse trabalho, percebe-se muito bem, com grande fidelidade. Só se lamenta a ausência do registro das toadas das modas de viola, hoje, já esquecidas por todos.

OS POETAS

COMO JÁ DISSE, ERAM os colonos da fazenda. Infelizmente são poucas as peças que trazem assinatura e foi-me possível colher referências biográficas de apenas um deles: Joaquim Eduardo.

Eram eles, talvez entre outros: João Sabino, Joaquim Venâncio, Antônio Silvério, Zé Pato, Paulistinha Vitor e o já mencionado Joaquim Eduardo.

Joaquim Eduardo: Africano, ex-escravo, analfabeto. Exímio violeiro e cantor nas Folias de Reis e Congadas. Ditava suas rimas ao Dr. Vilela. E o nome é o que aparece no caderno com maior frequência.

(Este Joaquim Eduardo seria, sem exagero, um émulo do famoso e muito citado repentista paraibano Inácio da Catingueira, também escravo e iletrado. (ver p. ex. "Vaquelros e Cantadores" de Luis da Câmara Cascudo.)

Faleceu com mais de 100 anos, bastante caduco. E em sua senilidade, como num retrocesso ao passado, só se expressava em seu idioma nativo. E desconhecia a todos.

O MATERIAL

COMO É CERTO E DEVIDO, transcrevo o material em sua exata forma de origem.

E finalizando, dedico este trabalho à venerável memória do Dr. Vilela. E em nome de todos os cidadãos amigos de nossa pura brasilidade, agradeço-lhe pela feliz lembrança.

J. Eduardo

1

Sai pelo mundo a fora
no ofício de adomação.
A primeira casa que cheguei
achei um bom patrão.
Ele foi me perguntou
qual era a minha profissão?
A respeito mansar burro
tenho fama de pião

Joguei o laço no burro
cheguei ôle no moirão
o bicho cavava terra
tirava terra do chão
a poeira levantava
parecia serração.
Eu tinha coragem e destresa
na minha inclinação.
Espora de roseta grandio
rabo de tatu na mão.
Meu chapéu de aba larga
acompanhando a posição.

Quando eu pus o pé no estribo
o bicho sumiu no chão
foi um dia de Juízo
na casa do meu patrão.

A filha do fazendeira
na janela do salão.
Ela já pegava a rir:
Vamos ver o jeito do pião!
Eu tratei de roubar ela
na garupa do ruão.

2

As vezes quando estou sozinho
começo a recordar
das morenas que amei
agora deixei de amar.
Me aperta uma saudade
eu canto pra não chorá.
Me sai aquela ilusão
eu começo a suspirar
o tempo que é passado
nunca mais torna voltá
somente a minha viola
que me fais desfarjá.
Eu sou um bilhete corrido
nada mais posso esperá
a idade é traidora
veio vindo devagá
me pegou do um certo modo
não pude mesmo escapá.
Nocidade são de todos
que também vamos passá
as queixas que tou fazendo
vós também hai de queixá.
O tempo passa depressa
nossos dias vão findá.

3

POBRE CAIPIRA

A vida da crise
agui na nossa terra
os colonos grita
os fazendeiro berra

Lá no sertão
a vida é erú.
Fazendeiro se quebrou
com a baixa do café.

A baixa do café
já fez rebelião
os pobre tão gritando
a falta de serviço.

Tudo muda
já mudou a éra
cabou-se a fartura
agora é só miséria.

O pião da pobresa
é mandioca e banana
ele bebe café
da garapa do cana.

O pobre caipira
pra fazer almoço
um tempéro e mais nada.

O pobre come carne
só de passarinho
assado na brasa
por não ter tocinho.

A vida do pobre
é uma judiação
cozinha sem godra
e lava sem sabão.

A esma do pobre
até dá vergonha
colchão sem lençol
travesseiro sem fronha.

O pobre reclama
a falta de roupa
na cobertas da cama
é de saço de estoupa.

O pobre padeece
por causa da crise
anda sem ceroula
quasi sem camisa.

Anda com o pé no chão
por não ter calçado
anda descalço
o calcenhá rachado.

O pobre caipira
não tem nem cigarro
pois ele pita
num pito de barro.

O pobre se queixa
quasi todo o dia
não acha demais
o que arreebia.

Ele tem o café
mais não tem valia.
Se vai lá no banco
acabou a garantia.

Triste vida é a do adomador
morreu calgado do espóra
rabo de tatu na mão.

12

Eu vivo no mundo
triste e abandonado
meu amor me despreza
vivo desprezado.
Quem vive amando
Vivi enganado
espera firmeza
encontra falsidade.
Ai, moreninha
por vós tenho considerado
por vosso respeito
vivo apaixonado.
Este teu olhar
que tanto me agrada
olhando pra gente
com ar de rizada.
Morena bonita
de cabelo ondindo
Centurinha fina
corpo adelicado.
Ai, moreninha
tem me judiado
dos suspiros
que por vós tenho dado.
Se vós subesebe
que vida apertada
do rapais que ama
viver contrariando.
O coração balanceia
e vara enfesado.
A cabrinha suspira
e não vale de nada.
Ai, moreninha
tenho considerado
que vós me judia
é de causa pensado.
Morena, minha morena
não me faça assim
esse teu olhar suberbo
é só pra judiar de mim
esta minha vida
eu tenho comparado
com estes camarinhos
que canta fechado
preso na gaiola
sem ser o culpado
eu tamen vou cantando
modinha inventada
Para disfarçar o meu triste passado.

13

CRISE DO CAFÉ

O mundo anda triste
dize que é aranzel
e há encrenca no porto
pelo café que saiu.
Já não tem mais conforto
porque a dinheiro sumiu.
São Paulo já está em apuro
o Brasil mal arranjado
o povo pagando juro
e os colonos atrapalhado
..... bem seguro
com seus bens hipotecado.
Ninguém tem mais segurança
Ninguém compra mais café
No Rio de Esperança
na terra que dá café
Fazendeiro gava tanto
vai remar contra a maré.
Ficou só em discussão
esperando melhoria
quando o café da Nação
São Paulo está em minoria
no estado da primazia.
Está chegando a fome
começando na chopana
quem trabalha já não come
nem mesmo pão com banann.
Fazendeiro que foi rico
hoje está lambendo embra
Quem não dança otico
Como fogo no catira,
pulando quasi comigo
comedo de cangiana.
Não há meio, uma safaia
pra salvar o nosso café
levantamos um governista
e apliquemos a nossa fé.
Talvez chegue comida

(inacabado)

14

CABOCLO BOEMIO

Todo mundo se admira
de eu não ter mesmo morada
eu vivo daqui, dali
só andando pelas estrada.
Ando a procura de amor
vivo mesmo sem parada.
Eu chego mesmo em qualquer fazenda
ajusto pra camarada.

Ali almoço e janto
arranjo uma pousada
iludo os cabras na presa
e saio de madrugada,
contente dano rizada.
Assim mesmo sem dinheiro
arrasto grande pomada
de gravata no pescoço,
botina envernizada,
trago a vida flautinda.
A respeito ser bilontra
tenho a sorte interada,
eu sei iludir os cabras
até na minha chegada
lido as moças solteira
tambem as mulher casada.
A minha fama tá danada.

15

De certo tempo pra cá
meus prazé diferencio
eu não tenho mais alegria
meus gosto se acabó
desde que nós desprateimo,
no coração sinto uma dor.
Desde o dia que eu te vi
seus agrado me cativo,
fiquemo ausente, separado
sem sabé donde está
dou suspiro de saudade
por estes teus olhos madaó.
Quero ir na sua casa
nana não sei como é que eu vô.
Tenho medo do povo,
das linguas dos faladó,
eles vno, eles fala
que fará do nosso amor.
Mas um dia de repente
faço quenem um beija-flor
eu saio muito cedinho,
eu não conto adonde eu vou,
eu dou um dihra nos bilontras,
eu vou beijá aquela flor.

16

Essa revolta passada,
já foi feita de causa pensado,
que fazia muito tempo
que o governo tinha preparado,
de trincheira electrica de arame
de pedra e cimento armado.
No começo da bagunça
que eu 'tava achano engraçado
cá longe eu escutava
aqueles tiro compassado,

mas nunca eu esperava
de passar tão apertado.
De armanento e munición
São Paulo está preparado,
de fuzil metralhadora,
cambião e carra brindado.
Ainda não podó ganhá
de um contra 20 estado.
Desde o dia que passos
2 avião aparecido,
derrubando aquelas bomba
dando aqueles tiro pesado,
nessa hora eu conheci
que eu morria bombardeado.
Rezei minha oração
O Credo, senhor "Jurado"
mas alguma que eu sabia
nenhuma deu resultado
a reza mais poderosa,
foi a "oração do vendo".

17

POESIA E PADRE

Eu não falo mal da Igreja
e nem também abuso os padres,
tendo sido religioso
e crente na santidade
é que eu vivo acompanhando
o estilo da antiguidade.
Tenho prestado a atenção
nas queixas da humanidade,
isto é aqui pra roça
e os de dentro da cidade,
combate sobre as comedieiras
e dião esmola sem vontade,
assim dizem os protestantes
aproveitando esta verdade
eles dizem que a matriz
são cousa da nossa sociedade
Por isso que sacerdote
tem dinheiro em quantidade.
Roba mais o quanto pode,
eles não tem a piedade,
tira a reza por dinheiro
eles não tem a caridade,
Por isso que a lei romana
está cortada pra metade.

18

MODA DO ZÉ BODXO

Tem muitos que arrasta mala,
mas não carrega surrião,
Sinhor Joaquim do Prado

istima de valentão,
ali no arraia da praia
ele quer ser campeão
um dia desses passado
ele ingentou o Zé Bodão.
Eles tinha lá uma richa,
encontraro lá na rua
não sei qual tinha razão,
e tivero uma discussão,
o Zé Bodão sacou dum revolver
Joaquim do Prado pegou chão,
saiu correndo, com tanto medo,
lá ia dando tropião.

Chegou entrô pra dentro
roncando quemem um leão
passou a mão na carabina
e bastante munição
e que é minha juração,
eu quero amostrá pra ele
que hoje o bode morre
ou na bala ou no facão.

Dava tiro pra insultá
que fazia um barúão,
o povo foi reunindo
pra fazê acomodação.
Pensado que ali havia
uma grande perdição
depois do "causo" passado
é que eu fiquei na confusão.
Zé Bodão passou por ele:
"hon noite meu patrão",
Joaquim do Prado entrou pra dentro,
quemem paca no solapão
não saiu mais na rua
nem por grande precisão,
passou a noite inteira,
chorando, lá na boca do fugião.

19

Vou contá o que assucedeu
nesse centro de sertão,
que este cabra rezistiu
uma escolta de S. João.
Vierô já me prendê
já me pô numa prisão,
um tenente, um alferê
delegado e quartelão.
Lá no campo das palmeiras,
me fizero uma traição,
já foi servi na escolta,
foi mesmo de prevenção,
já me derô vós de preso,
morrer sim, entregar não.
Bala passava por cima
dava pranchendo no chão.
Manobrei minha carabina

rezano minhas oração,
gatiei pro meu revolver
e um punhal de ouro na mão.
Assim foi a minha defesa
niso que eu fosse valentão
Mas vale quem Deus ajuda
quem tem a sua razão.
Nunca eu fui criminoso,
tenho minhas obrigação
e por te amar, morena
tô nessa revoltação.
Pra ti deixá nessa terra
só se eu morresse neste chão.

20

Um fato que aconteceu,
muito triste eu vou contá
vei um assassino soldado
tão cedo a vida tirá
dum pobre pae de familia
com 3 filhos pra tratá.
Esse assassino soldado
não pensou o que ia fazer
tirou uma vida tão nova
com direito de viver.
Coitado, não teve gosto
de ver seus filhos crescer.
A viúva do Zé Barba
chorava e assim dizia:
— Não sei como está pra ser,
pra o pão de cada dia
acabou quem trabalhava
pra tratar desta familia!
A filhinha do papai
muito triste ela chamou:
— Coitadinho do papai
que tão cedo me deixou.
Ceração que eu mais amava
o assassino já levou!
Tive dô das eriancinhas
que neste mundo ficou
sem saber do triste fim
que o pobre pae se acabou,
com uma bala de revolver
que no peito atravessou.
Ao jury eu peço justicia
justicia sem caridade
tenha dô desta familia
que ficou na orfanidade.
Os filinhos até hoje dizem:
— Papae muita saudades!...

21

Sobre a minha profissão
já tá mesmo discutida

de cantá e adverti
tem sido a minha vida;
faço moda que me pedem
todas são reconhecidas
por toda a parte do mundo
minha presa é garantida,
faço moda de jardim,
e de campinas floridas
faço moda das estrelas
e da lua resprandeida
pra cantá de madrugada
quando os pas'sos fais larida,
mas naquela residência
onde está minha querida.
Si eu frequento sociedade
por achar advertido
si eu saio nos pagodes
porque o pessoal me convidu
eu sou mesmo adelicado
na chegada e na saída,
Quem mostrar delidensa
em qualquer parte tem saída.
Tenho prazer quando peço
na viola retinida
Já me vem recordação
de certas modas sentidas
esta eu canto na chegada
vou deixando as doloridas
pra cantá de madrugada
na hora a despedida!

22

A VIDA DO CACHACEIRO

A vida do cachaceiro
É uma vida advirtida
Inleva e bebe cachaça
Esquece do transito da vida
E amola um meio mundo
De tanto fazer larida,
Ele chega na venda
Já manda vir a cachaça
Manda vir 4 assentada
Fica pra primeira batida
Vai deixando 10 tostões
— Este fica pra saída!
Ele encosta no balcão
Já fica sem saída
Fica en cabeça pesada
E as pernas esmorecidas
Já fala pro vendeiro
Que hoje passei da medida
Na baixada ele anda bem
O perigo é na subida
Ainda pra diante e pra trás

Pelo alcool da bebida
Inda tem mais um defeito
Que dispara na descida.

23

Lá no bairro donde eu moreo
trago a vida a riscoso
quizeram me erimimá
por causa dos invejos!
Pra tirá minha mudança
eu acho mesmo estouso
por causa desta moreninha
juro que eu sou mesmo amorooso.
Si eu não mudá desta terra
fico mesmo eriminoso
Vou embora pro sertão
eu morar com os revoltosos.
Medo não tenho mesmo
sou um cabra perigoso
pro minha defesa eu levo
Meu 28 perigoso.

24

Levantei de madrugada
O sereno estava calmo
Foi passá no meu jardim
a rosa estava dormindo.
Dei um suspiro triste
a rosa acordou sorrino
Me deu um abraço apertado
que até hoje eu 'tôu sintindo.
Ela foi me perguntou:
— Moço, pra onde vai inoi?
eu fui respondi pra ela:
meu bem, não tenho destino,
ando correndo mundo,
vivo me distraíno,
disfarçando uma saudade
que vem me perseguino.
Quando foi no outro dia
eu mandei chorá o sino
cheguei na beira do rio
as aguas foram se abrinno
despedi da moreninha
— Você fica, eu vou inoi,
Ela me deu botões de rosa
um fechoado, outro abrinno.
Adeus moreninha ingrata
ceração de ouro fino
cheguei na beira do porto
a barca já vinha vino,
Quando pus o pé na barca
meus sentidos foi fugino.
Adeus minha gente boa

Você fion, eu vou iño
por causa desta morena
quasi que eu perco o tino.

25

BOTICA

Joaquim Venâncio

Por eu estar na botica
Não é que eu seu treteiro
Isto é verdadeira bica
Por onde corre o dinheiro.

26

Da minha vida não posso me esquecer,
Pra mim deixar dela, só quando eu morrer.
Com a minha viola eu ganho dinheiro,
Pra correr na cidade e no Brasil inteiro.
Também posso ir lá pro estrangeiro
Cantando e dançando com meus companheiros.
Sou um cabra de gosto, saio mesmo gaizeiro,
Machuco as morenas, dos olhos ligeiros.
Também dou saudades com o meu pinheiro.
As modas que eu canto é no estilo mineiro.
Eu sou um dançador muito injusticeiro.
Não desprezo a vida por ser brasileiro
Não agrava ninguém meus versos serteiros
Salvamo o pessoal nacioná e estrangeiro.
Quando eu entro no salão, licença peço

[primeiro]

Agradeço os folgasão que aqui me
[arrecebero.]
Meus senhores e senhoras que aqui
[comparecero]

Pro ouvir essa canção desse simples

[violeiro]

Canta suas modinhas com esses versos

[groceiro]

São simples de natureza porque não
[aprendero.]

27

Que moça bonita, meus olhos encherçou
Saiu no solão, no banco assentou
Meu corpo tremeu, meu coração balançou
As cordas da viola até quasi chorou.

De cá mesmo eu vi quando ela falou
Chegou perto da outra e já perguntou
Si ele é solteiro, casada não sou
Que moço bonito, tão namorador.

Já é de madrugada, o galo cantou
Fiz minha despedida, que triste ficou
Peguei na mão dela, ela me reclamou
Você vai embora, saudades ficou.

Falei pro meu cavalo, vamo vamo renadó
Leva essa morena pra onde eu sou moradó.

Olhes da morena foi que me atrainava
Eu fiquei e fui no curador.
Perganti pra ele, ele já me contou,
Você tá sofrendo saudades de amor.

28

O dia que eu estou apaixonado
Pego o meu macho arengueiro
Chego no palanque, arreo com
[lumbio-boiadeiro]
Dou um nozinho na cauda, o macho ficou
[gaizeiro.]

No passar numa cidade,
A policia me conheceo
me fizero uma traçião
Nem assim me prendero.
Joguei o macho na redia
possei por cima faceiro.

Com a minha espera no pé
o meu pala de solteiro.
Meu brabo Chimilt U. S.
é um prigo verdeleiro.
Corri a espera no macho,
Saia num passo ligeiro.

O macho batia nas ferragens
no chão deixava um letreiro.
Era 4 letra em breve,
Era o nome do cavaleiro,
que deixava uma assinatura
por todo o Brasil inteiro.

29

Eu roubei uma morena
filha de boa familia
e pae dela era home rico
Era home que podia.

O pae dela era valente
Era home de garantia
Eu roubei a filha dele
Que sou mesmo sem azia.

Nóis tratemo pra fugi
Coisa que ninguém sabia
No entrar lá de igreja
Quando da igreja ela saia.

Nóis ficuemo contratado
Pra sair no outro dia
Regulando meia noite
No romper da estrela guia.

O pae dela foi atrais
Considere que nós morria
E lá de longe ele avistou
Lá vai o Indrião de minha fia.
Você queria casar com ela
Me falasse que eu fazia
Agora você reconheça
Que hoje chegou o seu dia.

Ele puchou um parabéia
Que na cinta ele trazia
Eu puchei um 38
Foi só bala que zunia.

Troquemo bala uma hora
Nem eu nem ele feria
Bala passava nas árve
Era galho que caia.

Tive dó da moreninha
Ela chora o que podia
Quanto mais ela chorava
Mais ainda me influa.

Peguemo de pau um pouco
Viremo de ferro fria
Na ponta de nossa espada
Só falsa que saia.

Quando fico arresolvido
A noite pra mim é dia.

30

Joaquim Eduardo

Desejo te amar morena
Mas tenho pouca esperança
Porque você não é firme
Tem opinião de crinaga
Que vive só me iludino
Me trazemo em lembrança.

A despeito formosara
Aqui nesta vizinhança
Você é sem companheira
É formada a distância
Porque você é formosa
E traça com elegancia.

Cada vez que eu me alembro
Meu coração dá balanço
Porque você me faz agrado

E me dá tanta confiança,
Pra depois numerar outro
Só pra me fazer vingança.

Se eu deixar de te amar
Eu rasto minha mudança
Vou embora pra bem longe
Aonde eu não tenha lembrança
Você sai do meu sentido
Meu sofrimento disença.

31

O pecado que eu não devo
É matar gente e roubá
(Inacabado)

32

Vou mandar tirar minha sorte
Nas costinhas do baralho
Sorte é viver amando
Por módio amor eu batalho.

Quando é noite de "fonção"
De visitar eu não falho
Nem que a noite 'teje escuro
Nem que eu passe trabalho.

Quando me aperta a saudade
Eu me apronto e logo saio
O amor quando não quer
já procura outro ganhalho.

Quería ser um coitilinho
Pra andar de galho em galho
beijando de flor em flor
Chupando as gotas de orvalho.

33

Joaquim Eduard

Eu trelei meus cachorros
Embalei minha carabina
Pra fazer uma caçada
Naquelas verdes campinas.

Encostado numa serra
Rio de águas correntinas
Lagôa que as garças bebem
e os patos voam por cima.

Pia a garça, o tempo chove
Passaro canta, o tempo afirma.

Fiquei num espigão de espera
Abalde o rinho destina
Quando deu alevantada
Bepiquei minha busina
Até parece a musica dobrada
Quando o som determina.

Só quem não tem coração
Nem pegue nessa sina
E só quem não compadece
Tudo serve e nada inclina.
Caçador já vem de volta
Muito alegre divertino
Se atria pro campo afora
No meio do gado China
Essa hora só me alembro
Do seu semblante sovina
Olhos que mata e não sente
Processa mais não crimina.
De tão longe eu venho vino
Per teu respeito menina.

Cheguei no alto da serra
A lua vinha saiso
Naqueles campos ovalhados
Cheios de serração e librina.

Caçador já vem de volta
Muito alegre advertino
Parece desses folgassio
Que canta só na turina
Canta numa vós tão arta
fals jeitos que as vezes combina

Era tarde da noite
Quando nós vinha vino
Eu cheguei bati na porta
A mulher estava romino
A mulher safu se maldizeno
Eu cá de fora estava ovino
Eu dei conselho pra ela
Ella ficou mais malina
Tudo no mundo tem fim
Paciencia minha Cordalina.

Tenho visto o povo falá
Dos vicios que os paes ensina
Mas eu queria morar no "Guaçon"
Tocano violão nas esquina.

Tanta graça tenho feito
Nem assim vós magina
Se vós quizer passar
Eu levo vestido de seda fina
Calçado e meia branca
No luxo um par de botina
Os prazer que me convém

Comigo vós origina
As paixão que mo adverto
Comigo vós arrumina.

34

Caí, sereno caí!
Caí, sereno caí!
Sereno da madrugada.
Caí, sereno caí!
Caí, sereno caí!
Na cabeça da curiangada.

35

Deitado na minha cama
perdi o sono e não dormi.
Alembrei naquela ingrata
que mora longe daqui.
dei um salto, aleventei
na mesma hora apraveni.

Fiz as minha devoção
Abri a porta e sai
A lua cheia clarejava
pelas estradas seguri
para ver aquela messa
que mora longe daqui... (suspenso)

Eu cheguei na janela
treis pancada bati,
Acorda, morena, acorda
A janela vem abri
Eu sou aquele amante
que morro mesmo por ti.
Quando a janela abriu.
Ai, meu Deus que ela eu vi
O mundo deu um balanço,
nesta hora esmoreci.
Nos braços da moreninha
suspirando amanheci

36

SUZANA

Na janela do meu quarto
uma carta pareceu
é a Suzana que escreveu
recordando os passado
quando foi amante meu.
Eu cheguei na casa dela
na hora que escureceu
pedi um abraço, ela deu
naquele abraço apertado
nos meus braços ela morreu.

(suspenso)

Eu chorei de saudade
Meu coração danou
A terra deu um balanço
quando Suzana morreu
Formosura tão linda
foi a terra que comeu.

Daquele amor de Suzana
até hoje não me esqueceu
Tantas penas e saudade
o meu coração sofreu
Quero encontrá com Suzana
quando a morte levá eu.

37

OUTRA SUZANA

Quero te amar Suzana
Se for de tua vontade
você me ame com firmeza
eu te amo com sinceridade
que o coração de quem ama
só sabe falar a verdade.

Vou passá com Suzana
Todos os dias de tarde
paciendo na avenida
no jardim da cidade
girando pra lá e pra cá
disfarçando minha saudade.

(suspenso)

Si eu amo a Suzana,
por ser de minha idade
fiquei te quero bem
aumentamo nossa amizade
deitado nesses seus braços
nunca mais passo saudade.

Suzana é mesmo bonita
só ama com falcidade
pois a gente sente ela
suspirá sem ter vontade.

38

Joaquim Eduardo

Amanhã eu vou-me embora
vou me embora pro sertão
Eu cheguei numa fazenda
dum tenente, um capitão.
Ele me chamou pra dentro
Me levou lá pro salão.

Ele foi me perguntou
da onde é, seu cidadão!

Eu arrespindi pra ele
Eu sou dos Tres Coração
Arraspeto manassar burro
tenho fama de pião.

Espaço de meia hora
Comecei minha adomação.
rabo de tata na mão
Espora de rosela grande,
Meu chapéu de aba larga
acompanhando a posição.

Joguei o laço no burro
chequei o macho no moirão,
Eu botel o pé no estribo
o macho sumiu no chão.
Maginei a minha vida
encima deste pagão.
Que foi um dia de Juizo
no currar do meu patrão.

39

Neu passá do ano novo
dia 9 de janeiro
eu fui numa festa longe
na casa dum fazendeiro
agrados que me fizero
tô que deixou bauzeiro
Pois gosto e me arregalo
Tê nome de violeiro,
Cheguei na casa da festa
parei lá no terreiro
distancia de poucos passos
as moça me conheceo,
Elas fôro me dero um viva
foi rojão que assuspendero.

— Vamos nós fazê um encontro
que este moço é violeiro.

Entreí no salão de dentro
perto das moça facera
olhos pretos relampioso
olhos preto bem ligeiro
Era uma das mais bonita
que foi meu amor primiceiro
fita larga na cintura
rota branca no cabelo.

(suspenso)

A viola dá rabicho
pra quem gosta de tocá
nos braços da viola,
ensina um geito de namorá.

Os folgazão de lá
que tocou noutro tempero
quizero me fazer frente
coitado dos cavaleiro
a "moda" do cravo chita
foi eu quem cantou primeiro.

Na hora da despedida
despedi deste triqueiro

40

Joaquim Eduardo

Des do dia que nasci
eu erici e sou vivente
eu não tenho pae nem mãe,
nem irmão e nem parente.

Eu nasci do pé da "marva"
gerado duma cimento
hoje sou um cravo chita
que as moça fais presente

Quando eu era inteligente
tinha a minha intelligencia
pra cantá e tocá viola,
eu já era influente
pra cantá versao inventado,
pras moça que são presente,
Também canto de lembrança
pra aquelas que são ausente.

Ai, quando eu chego num salão
em meio de tanta gente
a viola se já fala
numa voz tão inelente
amigos, meus companheiro
já veio ficá na frente,
as moça que é danseira
ficaro alegre, contente.

Eu agora vou cantá
pra vós ficá ciente
o sol já vem apontano
retirano do nascente
despedir de quem qué bem
não ha coração que agüente
Se as moça fica chorano
eu tambem saio doente.

41

JANDYRA

O amor é um fogo
queima sem pará
no peito de quem ama

de quem sabe amá
deixa um coração
fora do lugar
Eu tambem amei
sei, posso contá.
Jandyra é uma moça
que não qué casá
que fica solteira
só pra namorá .
Não tamo sem geito
pode passá
que assim ninguém pode governá.

Ela tem dinheiro
devo aproveitá
que o "cobre" foi feito
para gastar.
do mais caro que há.
deixa os invejoso
morré de falá.

Jandyra é uma flor
da mais bela que há
Ela feiz tenção
só de judiá,
Triste do rapais
que por ela apuixoná
por fim morre nas treva
pra assombrar o pessoal.

Com quem pode não se brinca
é até a pelejá.

42

A.B.C. DA CACHAÇA

Antônio Silvério

A cachaça é muito bela
fria e fria, forte e quente
Deus te salve com ternura
consolo de toda a gente.

Bastante a vertude
que ela tem de natureza,
todo cheio de progresso
todo cheio de nobreza.

Como a cachaça não ha
de fazer tanto terremoto
que é de tanta natureza
fria, fria e forte.

Diz alguém: não bebo;
por querer se amostrar
Senão que já o bafó
Não pode supurtar.

Eu não digo dela nada
nem mal posso dizer
seja simples ou com assuera
sempre de nosso haver.

Faz a cachaça tantos milagres
que só se fazendo menção
de todo o geito se bebe
de todo o geito acha bão.

Guarda a cachaça mais forte,
logo no primeiro estado,
para no fim da bebedeira
Fica sempre deitado.

Uns gosta com assuera
outros na comida uma vez.
Vai indagar do costume
quinze medida por mex.

Juraram todos de me amar
que eu sou fraca, fria e forte
largará só com a morte.

'lambique por Deus formado
artificio tão aventureoso
fabrica de tanta honra
estilo tão vertuoso.

Me anda buscar com pressa
quando a mesa já está posta
demora e não vem logo
assim mesmo ainda se gosta.

Não se pode fazer festa
sem a cachaça se achar
pois ela que faz a cama
para os devoto deltar.

O' liberal bebida
Consolo dos brasileiro
em qualquer parte que deita
não precisa travesseiro.

Passa o dia bebendo
vomitando sem sentir
falando mil asneiras
sem consigo poder bulir.

Quem não bebe a cachaça
Só por remédio alguma dia
acha o remédio tão bom
venha quente ou venha fria.

Rocho-forte se receita
pra intimidar o frio
Na capa do rocho forte
bebe até perder o brio

Sofre um pobre taberneiro
Acerca de todo o povo
Por causa da cachaça
Releva muito estorvo.

Tendo dinheiro
vão bebendo já
E quem um vintém não tem
só se pondo a parolar.

Uma verdade mais pura
Vós não pode achar
A cachaça é sobretudo
Ninguém pode duvidar.

Vamos agora nas mulheres
Querendo se desculpar
Para beber a cachaça
Pra barriga pegá a espigar.

Xama lá a domestica
Que traga uma panelinha
Ponha no fogo a ferver
Que venha bem cheinha.

Zombando elas pegam
Dor na barriga não tem
A cachaça é sobre tudo
Tudo lhe quer bem.

O Tiles anda por cima
de tudo quanto se escreve
A cachaça é sobre tudo
Não há quem ela reserve.

43

Lá evém meu amorzinho
O meu rico botão de flor
Vem fazendo suas queixas
Reclamando suas dor.
Não hai coração que escreo
uma reclamação de amor, ai.

Encontrei com o meu benzinho
Ai, o que vós anda fazeno.
Eu ando me disfarçano
Por isso eu vivo soffreno
Nunca vivi desprezado
Como agora ando viveno, ai.

Eu não posso viver alegre
Eu não tenho aliviação.
Uma despedida de amor
Como dói no coração.
Conheço que morro mesmo
Na hora da apartação.

Ai, por causa desta morena
Eu tenho sofrido rigor.
Embora que o fogo apague
Na cinza deixa o calor
Embora que o amor se aparte
No coração fica a dor, ai.

44

Enventei esta modinha
Uns versinho bem trovado
A respeito a grande crise
Que agora temos passado.

Tenho dó dos fazendeiro
O aperto que tem passado
Com a baixa do café
Já estão tudo quebrado.

Fazendeiro milionário
Ficou desacreditado
Pagamento nas fazenda
Já ficou tudo atirado.

E já muitas fazendas
Tá na mão dos empregado
Fazendeiro deu o fora
Só pra não morrer matado.

Na zona do Noroeste
Um legri tão afamado
Era só planta de café
Uma coisa exagerada.

Hoje a notícia que corre
Muita gente tem falsado
Só café que está no mato
E fazenda abandonada.

O café valia ouro
Era um farturão danado
Fazendeiro está em S. Paulo
Passando bem socegado.

So andava mais embarcado
Não andava mais embarcado
Com a baixa do café
Seu automóvel está encostado.

Pela notícia que corre
Nos jornais é anunciado
Que o nosso presidente
Já ficou bem combinado.

De jogar o café no mato
Pra ficar desvalorizado
Si o café não dá alta
O Brasil está derrotado.

45

Lá civém o dia rompeno
o o sol com seu clarão
aparece no horizonte
ele civém luminar o chão.

Meu Deus, que hora pesada
Para quem sofre paixão
Nesta hora eu sinto amargurado
O meu triste coração.

Estas horas lá em casa
Eu pego no meu violão
Ainda canto bem baixinho
Uma das minha canção.

Daquelas mais preferida
que me trais recordação
Des 18 anos de idade
Que nunca mais voltarão.

Por esta que ainda hoje
Lu faço reclamação
A minha idade de moço
bem sei que não volta, não.

De todos os prazer que eu tive
Só deixo recordação
Por isso meus peito vive
Numa desesperação.

Si hoje meus peito chora
E soluça com razão
Todas as maguas que eu sinto
Só terei consolação.

Quando meu corpo cansado
Repousar num frio chão
Pra descansar pra sempre
Deste mundo de ilusão.

45

Delfina este nosso amor
que tanto você me enleia
que me trais em seguro
Como um preso sa cadeia,
Delfina é mesmo geitosa
Pra por um cabra na peia.

Ela é uma moça deliciada
É bonita e não é feia
A respeito formosura
Belesinha arremedeia
Tô esperando qualquer hora
Que o nosso amor camboteia.

Quando é noite de baile
Com suas amigas coleia
Pra fazê pique pra rapaziada
Os hobinho inda rodeia.
Se quisé dansá, uma pataca
Se não quisé, pataca e meia.

Na hora da despedida
É que o cabra corcovia
Quando se vê despresado
Os malandro toree a oreia
Delfina dá uma rizada
Do couro sai as correia.

46

Quantas letras tem o a, b, e.
Eu quero te perguntá
Dizem que são 25
Eu quero aprotestá.

Os tiles também são letra
Sem eles não pode notá
O ponto que pinga em cima
Fais a posição gerá.

O a é um amor
que nasce pra me amá
O b é uma bonita moça
como a sercia do má.

O e é uma cama
onde nós vamos deitá.
O d é uma dor
Que não posso suportá.

E é uma entre as
que nascem pra me amá.
O f é uma flor
que eu desejo apanhá.

O g é uma grade
da prisão que vamos entrá.
O h significa a hora
de dois amores se ajustá.

O i é uma igreja
onde meu amor vive rezá.
O j é uma janela da casa
que nós vamos morá.

O k é um kiosque
pra nós dois negociá.
L é uma lembrança
que pra vós eu vou deixá.

O M é tusa mão
que eu preciso acená.
O n é o nosso amor
que vai finalizá.

O o é os seus olhos
que nascem pra me olhá.
P é um padecimento
que algum dia há de findá.

O q é um quadro
que eu vou te apresetá
R é uma rosiera
que eu vou te compará.

O s é uma saudade
que pra vós eu vou deixá.
O t é a tua boca
que algum dia hei de beijá.

O u é uma uva
que domingo vamos chupá.
O v é uma viola
que eu gosto de tocá.

O x é uma letra
custosa de soletrá.
Ipicione, Z
fais o ponto*finá.

47

João Sabino

Na beira do meu terreiro
na janela da cozinha
tem um pé de arve frondosa
que é uma linda paineirinha.

Bem cedo quando amanhece
Vejo o estar dos passarinho
Sabiá dá um pido triste
Rompe o cantar dos canarinhos
Já começa a transitar
Beija-flor e as andorinhas
Pulando de um galho a outro
Assentando naquela arvinha.

Quando fala o pintassilgo
Que chora a rola no ninho
Esta hora me aparece
o semblante do meu beuzinho.

Meu coração vai ao chão
de pedaço em pedacinho
Na volta do meio dia
que avistaro os passarinho

Abraço com aquela arvore
E comparo a vida minha.
Há pouco ela deu folha
Hoje está desfolhadinha.

48

As moças que são bonita
Já tem seus aparelho
Elas passa ruje e pó de arroz
Pra ficar com o rosto vermeilo.

Quando chega domingo e dia santo
Elas fais seus arrodolos
Pra ver seus namorado
lá na frente dos espeio.

Vestido de ceda fino
Pra riba do joico
Toda mãe que tem suns fia
Já deve dar bom conselo.

Fazer encurtar o vestido
E tambem certos passeio
Evita de mais tarde
O negocio fica mais feio.

A moça solteira 'gora
Casano entra no couteio
O marido seno cimento
balancia a sombrancia.

Vou comprar um par de esporas
o seleiro me dá as correia.

49

MODA DO SAMPAIO

Zé Pato

Segunda feira passada
Vou contar o que assucedeu.
Lá na casa da Milina
O Sampaio engrandeceu.

Ele tava na grande palestra
Coitado, esmoreceu.
O Negro tava escondido
E ele não perebeu.

O Negro entrô pra porta a dentro
Tempo pra ele não deu.
Sampaio pulou uma janela,
Não sei como não morreu.

Janela de 20 palmos
Já veja o soco que deu
Quando ele viu o baque do tiro
Já logo o barro desceu.

Ficou da calça pesada
Não sei como inda correu.
Senhora dona Milina
De susto quasi morreu.

Ela ficou na janela
Chamanc ele de bem meu.
Sampaio saiu na escreira
Do chapueu ele esqueceu.

Chegou no Alvo Bernardo
Contano o que assucedeu.
Já dele ter corrido
Inda ele não escondeu.

Pediu ele um camarada
Inda o seu Alvo não deu.

Chegou no Mané Marco
Contano o que assucedeu.
Fazendo suns clamações
Aguia nos olhos desceu.

Vai buscar o meu cavallo
Que te paga sou eu.
Coitado do Mané Marco
Seu caminho inda rompeu,
Arriसानo sua vida
Pra aquilo que não é sou.
Treuzeu o cavallo pra ele
Inda não arrecebeu.

50

As mossas de hoje em dia
No namoro elas se emprega
Não trabalha e não fais nada
é só lueho que carrega.

Não trabalha e não fais nada
No serviço elas não pega
Quando é noite de baile
Elas pintam mesmo na regra.

Vestido de manga curta
Pelo uso que navega

Senta a par com o seu amante
E dali não desaprega.

Quem namora essas moças
Sempre vive levando esfrega

Elas tratam um casamento
Mesmo jura, falsa e nega.

É quemem o sabão na tabua
Que pisa e escorrega.
Elas ficam sem enasá
Esquanto os cabras embelega.

Pica ausente das amigas
Separada dos colegas
Quemem as perdzes no campo
Encostado na massaga.

51

Paulistinha Victor

Ritinha, nunca me esquece
Daquela tarde chuvosa
Encobriu no jardim
Foi uma hora saudosa
Passei transito por vós
Alto e carinhosa.

Eu arrecebi um presente
Duma delicada rosa
Apanhada por tuas mãos
Numa roseira frômosa,
Declarando o seu amor
Se não ficar só em prosa
Na hora vivo suspirando
Levando a vida à riscosa
Tenho reccio, morena
De você ser desamorosa,
Se acaso você me deixar
Sei que teus amantes goza.
Vós me mata de saudade
Por ser bonita e formosa.
Si eu morrer por teu respeito
Nesta luta perigosa
Com calunias erminosa.

52

Que moça bonita da cintura fina
Do rosto corado
E das feições tão linda
Seus olhos me agrada
Nosso amor combina,
Sai de minha terra
Fui passear em Fachina.
Embarquei em São Paulo
Sai cá em Minas
Os portos fechado e correntina
Chorei saudade
Naquelas campinas.
As moças daqui

Tão ficando ladina.
Fais vestido na moda
Só de Fachina.
Sai nas ruas a passear
Pra ver se os moços enclina.
Pisa no chão com força
Inté ringo as botinas.
Temperai a minha viola
Subi rua acima.
Pincava a tuaira
Tremia a turina.
É só moça que chorava
Pra aquelas esquinas.
Ai, meu botão de rosa branca
Minha laranja da China.

52

No dia eu soffro tristeza
Na noite eu tenho prazer.
Eu estando arresolvido
Só espero escurecer.
Fego meu macho e arreo
Saio pra me desaparecer.
Lá do meu bairro eu me ausento
Cumprido assim o meu dever.
Levo comigo saudade
Que me fais eu padecer.
Não peço casamento
Embora de quem eu deixo ver.
Eu estando arresolvido
Só que me resta a dizer:
Ver o meu bem eu vejo mesmo
Aconteça o que acontecer.

Por ela eu arriसानo a vida
Inda que eu saiba de morrer.
Eu chego entrego saudade
Que não me deixa esquecer
A que ela assim carrega
Sou obrigado a dizer:
Nos braços da moreninha
Vejo os dia amanhecer.

53

Está meu viver
que eu tenho sofrido
Quem não tem amor
Vive distraido
Quem tá desprezado
Suspira duído

Se vós me quer bem
Morena, eu te digo
Vamos passar
No jardim florido.

Se vós fazer carinho
Perde o seu querido.

Chego na função
Eu fico snido
Pego na viola
Não se oferecido
Faço amor ingrato
Suspirar duído.

Vou mandar fazer
Uma embaceração de vidro
Quero desterrar
dos meus conhecidos.
Quero te levar
Vais no meu sentido.

54

Peguei minha besta ruana
para fazer uma viagem
Em terras desconhecidas
Conhecer novas paragens,
Eu sai de madrugada
Mostrando minha coragem.
Minha besta quando anda
Solta fogo pras ferragens
Cortando na escuridão
debaixo da librinagem
com o corpo todo gelado
Quasi morto de friagem.

A cavalo na minha besta
Eu conto mesmo vantagem.
Comigo ninguém não pode
frigar comigo é bobagem.
Corrego meus armamentos
E também minhas ferragens.

Quando de lá sai
De regresso da viagem,
Trazendo em companhia
Uma morena de alta linhagem.
Ela é formosa e elegante
Parece ser uma imagem.

55

O POBRE E O RICO

Tem certas cousas no mundo
Que eu não posso encherá
Gente pobre e soberba
Até no modo de falá
Hasta mesmo um bagaço
Sem poder carregá.
É fácil de conhecer

Quando saio a passá
Chapeuzinho arrebimado
Gravatinha de avô
Para acenentar a almefadinha
Tem dia que passa má.

Quando encheba um capitalista
Já começa a arrudeá
Uma alegria sem conta
E riado mesmo sem pará
Um pobre da mesma egual
Nem confiança ele dá.

Do rico não falo nada
Não pertendo de falá
O rico sendo orgulhoso
Tem dinheiro a descontá
Os baixo querem ser alto
Nos pés não podem chegá.

56

Rapasiada de agora
Já pegaro toda a manha
Todo luebo que aparece
A rapasiada acompanha.
Agora já veio o sistema
de todos comprá polaina.
Ninguém que seja pobrezinho
Nem com isso nem se acanha
Já muitos que não tem nada
Passa pras teias de aranha
Deixando da necessidade
Pra podê comprar polaina.
Do jeito que vamo hoje
de tudo comprá polaina
Seja rico, seja pobre
Todos anda de polaina.
Se 3-5 não importa
4-5 já desdinha.
Eu não compro isso pra mim
Porque fico com vergonha.
Eu comprando, o povo ri
E ele ri, me acanha.
Vou andar de pé no chão
Porque ninguém não me extranha.

57

Perguntei pra rosa branca
Qual é o seu amor querido
Ela foi me arrespondeu
Com uma fala aborrecida:
Eu não tenho amor nenhum
Vivo no mundo perdido!
Se eu tivesse mesmo amor
Não vivia desvalida.

Se eu fosse seu amante
Eu com vós era servido
Um rapais pra se casá
Carece ser arresolvido
No tratá dum casamento
Fazé as moça abri os ouvidos.
Muita vez namora um
E traz outro no sentido,
No passar dum amor pro outro
é o principio duma briga.
Se um morre, outro fica,
Fica os 2 todos perdido
No dia do casamento
Ela fica mais snida.
Perguntava ao namorado
que que o tinha emgrecido,
Eu não como, nem não bebo
Nem dormir tenho dormido.
A maginá no seu semblante
Que não sai do meu sentido,
Eu chamei a moça a tenção
Pr'ela vim falar comigo
Pra usá uma firmeza
Assim meia garantida,
Vós me ama com firmeza,
Eu lhe tiro da memória
E também do meu sentido.

58

Lá no bairro adonde eu moro
casamento é uma pagodeira
De tratá e desmanchá
Sabe Deus de que maneira,
As moça namoram muito
Vive só numa soneira,
Rapasiada beira érgo
De relógio na algebeira.
Não conhece o algarismo
Vive só pra batadeira,
Põe de frente o coração,
Fica mesmo de fronteira.
Desenção, de pé no chão
Calçado de caneleira.
Isto é carregação barata
Dizendo que é de primeira.
Cineo mil réis é caro
Pra eles é uma pipineira.
Quando fala em casamento
Pensa que é serrá madeira.
Sobe e desce do estaleiro
Outro arrasta a costaneira.
Peleja, a sorte são dá.
Fica só numa soneira.

59

ROSINHA

Lá no bairro onde eu moro
eu amava uma garriçinha.
Por ser preta que eu
considerava Rosinha,
Formosura e tanta graça,
Cor morena trigueirinha
Bem meu coração falava
Que achava que não convinha.
Que junto desprezo vinha.
Te amo mas não te declaro
Te deixo de devagarinho.
Lá no bairro adonde eu moro
Bem perto de nós vizinha
Debaixo da falsidade
Mas vi na presença minha.
Eu não tava acreditando
Com outro tirando linha.
Deixa estar, tirana ingrata
'teje certo, moreninha.
Mas agora que te amo
Vós há de viver sozinha
chorando pra minha falta
reclamando da ausencia minha.
Esta vez é a derradeira
A me despedir de Rosinha.

60

O baile é um divertimento
Que deixa as moças vadias.
Já ficam todos habituadas
Naquela patifaria.
Não cuidar na obrigação
É serão de todo o dia
Ficam tudo mal mandada
Que a mãe manda elas arrepia
Já combinam uma com as outras
Já faz aquela anarquia
Pra falá não tem quantia
Pra falá não tem azia.
Naquele grande barulhão
Já vão pra casa das tias,
Cantando suas grandezas
Andando em mal companhia
Quando é sabado tá na tria.
Passando a semana inteira
Si eu fosse um delegado
Eu sabia como eu fazia
Pegava de uma em uma
Levava lá na enchevia
Dava um banho de feição
Acabava com esta follia.

Que morena tão bonita
das feições delicadinha
fito laços na cintura
amarrada de laçozinha.
Anel de ouro no dedo
todo cheio de pedrinha
São corrente que me prendeu
O olhar desta moreninha
parece o clarão da lua
alumiando de madrugada.

Eu sei pra dá um passeio
Um dia de tardezinha
Cheguei na beira do rio
As águas estavam mansinha
A garça do meio
assentou na beiradinha
Si eu estou nesta pagodeira
por saber da moreninha
Si eu soubesse eu te contava
duma divoreia que eu tinha,
Adeus cidade do alto
Adeus terra da varginha
Adeus campo do Pará
onde mora a moreninha
Não sou mesmo daqui
meio na ponta da linha.
Quando vós quizer saber de mim
acelte uma lembrancinha
Vai escrito por uma carta
nos olhos duma pombinha.

Sigo minha vida com vós
Vós siga a sua com a minha
sou mesmo apaixonado
por causa dessa moçinha
eu soffro uma saudade
duma triste sorte que eu tinha.
Vou comprar um baralho novo
pra jogar a derradeirinha
se eu perder vós me ganha
e se eu ganhar vós é minha.

A MODA DA EVA

Meus senhores escute bem
arrepare e preste bem a atenção
do uso de hoje em dia
quero dar minha opinião.
As moças que são bonita
tambem é crime
todo tem a posição
pra não deixar os rapais solteiro
soffrendo do coração.

Vou mandar vir um couro de onça
Pra Eva fazer um vestido
pras moças que são bonitas
trazer num quarto escondido.
Deus estando no paraizo
tento um pouco arrelietado
tira os olhos de Adão
pra ele não perder o sentido
pra de ver se ainda convinha
comer o fruto proibido.
Deus e Eva quem são os culpados
de Adão ser imprudente
o coitado do Adão
Já ficou impertinente
enquanto Eva não engambelou Adão
a diaba não ficou contente.
Depois do caso passado
pois a culpa da serpente
e pois o caso no livro
Só pra engambelar a gente.

Os pais que tem seus filhos home
deve ter muito cuidado
nem tanta Eva neste mundo
deixa a gente atrentado
as Evas do hoje em dia
tem o cabelo cortado
só pra cima dos joelhos
Vestidinho decotado
Se riso por pouca coisa
andarzinho roquebrado.

Se o mundo for acubar
vós támo perto do fim
moça passa perto da gente
cheirando rosa e jasmim.
Se eu fizer alguma loucura
Ninguem se queixe de mim.
É Deus mesmo que é o culpado
de fazer beleza assim.

Um dia muito cedo
Eu sei a passeia
No jardim da Mariquinha
Pra vê os passaros arvorá.

Todos os pas'sos cantam bem
Só chora o sabiá
Na sombra de um pé de flor
Eu assentei pra descansar.

Os pas'sos me arrulhavam
Somente pra cantá.
Lá tinha uma flor reservada
Veio o bilontra apanhá.

No ponto do meio dia
Que a rosa va-e-se floridá
Sentei a par e'a morena
Feguei a observá.
Nos braços daquela flor
Fassei a tarde a ressoná.

Esta flor desapareceu
Não sei nonda ela está.
Eu já vou fazer promessa
Pra ela torná volúta
Se ela me apparece
Vou fazê ponto final.

GLOSSÁRIO

- acomodação — apaziguamento.
advertida — divertida.
adverti — diverti.
alevantada — levantada. Designação dada ao ato da corrida ou revocada da caça, provocada pelo cão.
amante (subst. fem.) — namorado ou namorada. Sem o sentido que se dá atualmente.
apareio — aparelhagem.
apartamento — separação; rompimento amoroso.
arengueiro — cavalo um tanto insubmisso; chelo de novidades; indócil.
á riscosa — arriscada.
a riscoso — arriscado; com risco.
arraspeito — a respeito; a propósito de ...
arrastar um bagoço — passar necessidades. Também usado no sentido de cansaieira; esgotamento físico.
arrebimbado (não dicionarizado) — Diz-se do chapéu de abas onduladas e caídas Santos Dumont.
arvorá — alvarar; fazer a alvorada.
assentada (subst. fem.) — dose; porção; quantidade.
atraiava — traía.
bairro — pequeno povoado; arralal.
banho de facão — surra aplicada com a lâmina flexível e longa do *refle*, espécie de sabre-baioneta.
banzeiro — atordado; surpreso. Embora o termo *banzo* (do africano *cubanza* = pensar) signifique *cismas* por *nostalgia*, está bem claro, no caso, o sentido de *aturdimento* e de forma alegre.
baquiado — baqueado; malogrado; gorado. Aplica-se também para designar cansaço físico; esgotamento.
barro — fezes.
batedeira — batente; trabalho.
batida (subst. fem.) — vez.
beira córgo — beira-córrego; calpira; matuto.
bilhete-corrido — rapaz ou moça que, por qualquer motivo, não arranja mais namoro.
bilontra — velhaco; espertalhão.
camarada — empregado de uma fazenda ou sítio; colono.

camboteia — cambalhotela; dá reviravoltas. De *cambote* ou *cambota* = cambalhota (jogo de meninos que consiste em por a cabeça no chão e virar o corpo).
 caneleira — polaina.
 carregação — mercadoria de qualidade inferior.
 cateretê — dança rural do Sul do Brasil.
 catira — dança rural do Sul do Brasil. O mesmo que cateretê.
 caso pensado — caso pensado; premeditação.
 Chimit U. S. — Smith & Wesson — marca de revólver inglesa.
 coitilinho — cuitelozinho. *Cuitelo* = beija-flor.
 comedeira — exploração; ladroeira.
 costaneira — cada uma das quatro tábuas externas de um toro.
 cravo-chita — namorado; galã.
 curangada — bando de curiangos. Curiangos = ave de hábitos noturnos da família das Caprimúlgidas.
 custeio — custeio: tratamento enérgico; correção.
 desaparecer — espairecer.
 dibra — ludíbrio; golpe enganoso. De *driblar*, ato do jogo de futebol. (Do inglês *dribble* = engano; logro).
 difruçama — defluxo; resfriado.
 eguala — igualha.
 embelega — embeleca: ilude; engana.
 embira — fibra vegetal.
 emburada — prejudicada; lesada.
 enchovia — enxovia: cárcere; prisão.
 encontro — aproximação; união. *Encontro de vôleiros*: formação de dupla para cantarem juntos, às vezes competindo-se.
 esfrega — castigo; aborrecimento; prejuízo.
 espera — tocaia.
 espigão — parte superior de uma serra ou morro.
 espigar — crescer; avolumar-se.
 estaleiro — espécie de plataforma de madeira para acolher o toro a fim de ser serrado.
 estrela-guia — a estrela-d'alva; o planeta Vênus. Também chamada Vêspere; papa-cesa, etc.
 Fachina — Faxina; antigo nome da cidade sul-paulista de Itapeva.
 ferragens — ferraduras. Também serve para designar arma de fogo e arma branca.
 ferro fria — ferro frio: faca, punhal, espada e similares.
 flautiada — flauteada: sossegada; sem preocupações.
 folgasão — folgazão: participante de um baile. Aplica-se tanto aos dançarinos como aos tocadores.
 "fonção" — função: namoro; idílio.
 função — festa; baile.
 gaizeiro — expansivo; extrovertido; alegre.
 (adjetivo não dicionarizado)
 gatiei — engatilhei.

gosa — goza: ri, escarnece.
 Guaçu — rio e bairro de Pouso Alegre.
 ingeitou — enjetou: recusou; repeliu. *Ingeitou* o... = recusou brigar com o...
 íntima (paroxítono) — inculca; faz entender à força *Íntima de valentão* = Dá a entender que é...
 ípíclone — A letra Y (ípsilon).
 juração — promessa de matar alguém.
 kiosque — Quisque. Espécie de barraca circular, de madeira ou latão, usada nas praças públicas para vender mercancias.
 lamber embira — passar necessidades.
 larida — alarido.
 librina — neblina.
 librinagem — neblina.
 lumblo — lombilho: peça de montaria.
 macho — cavalo.
 malina — maligna.
 mal mandada — desobediente; com falta de mando.
 marva — malva: planta medicinal da família das Malváceas.
 masega — macega: capim alto e seco.
 necessidade — o indispensável; o que é necessário.
 oração ao veado — rezar a... = fugir. Quando não se adianta todas as rezas para se escapar de um perigo, apela-se para a "oração do veado", isto é, corre-se.
 paca — mamífero roedor (*Cuniculus paca*).
 pagão — cavalo indomado; xucro.
 pagode — baile; festança.
 pala — poncho leve.
 palanque — poste onde se amarram animais; mourão.
 parabala — "parabellum": tipo de revólver. Do latim: *para bellum* (prepara a guerra). "Si vis pacem, para bellum" (Se queres a paz, prepara a guerra).
 pataca — unidade monetária usada no tempo do Império. Correspondia a 320 réis.
 peguemo de pau — pegamos de pau: brigamos às pauladas. *Pegar* = brigar.
 pela — correla para prender os pés dos animais.
 pinheiro — viola de pinho; pinho.
 pipineira — pepineira: prego barato; pechincha.
 plique — debique; troça.
 pomada — vaidade. No caso refere-se à vaidade na indumentária.
 pranchiado — corcheado = ricochetado. A bala *dava pranchia* do: *dava ricochetado*; *recochetava*.
 (subst. masc.) — inspetor de...: autoridade policial rural.
 quartelão — rebenque feito de couro trançado.
 rabo-de-tatu — cavalo de pelo branco com malhas pardas.
 ruão — amor; devotamento.
 ribicho

- redomão
reinado
revoltosos
- rocho forte
- ruje
saído
salvamo
sentido
sistema
solapão
- surrão
suspensão
- tempero
Tlles
tirar linha
trelei
- Três Corações
treteiro
tria
Trinta e oito
tropicão
tueira
turina
vós de preso
- "Arrasta mala
mas não carrega
surrão"
- "Do couro sai
a correia"
cidade do alto;
terra da
varginha
- cavalo não completamente domado.
 - reinador: travesso.
 - Designação dada aos revolucionários de 1930 e 1932.
 - roxo-forte: cachaça fervida com gengibre e açúcar. (assim está definido no próprio caderno). Corresponde ao *quentão* paulista.
 - "rouge"; vermelho; carmin.
 - expansivo; extrovertido; desenvolto.
 - salvams. De *salvar* = louvar; homenagear.
 - mente; pensamento.
 - costume; moda; uso.
 - cavidade feita por erosão nas ribanceiras dos rios.
 - bolsa ou saco de couro.
 - suspensos: designação dada aos versos da moda de viola que são cantados após a sua introdução.
 - afinação de viola.
 - plural de til, acento gráfico.
 - flertar; namorar à distância, apenas com olhares.
 - pus a trela. *Trela* = tira de couro com que se prende os cães de caça.
 - cidade de Minas Gerais.
 - ardiloso; espertalhão.
 - trilha; bom proceder; linha.
 - tipo de revólver.
 - tropeção.
 - toeira: 2.^a corda da viola, de cima para baixo.
 - corda central da viola.
 - voz de preso: voz de prisão.
- Dito correspondente a: "Dizer-se possuidor de valentia (arrastar mala) mas não possui-la" não carregar surrão). Equivalente moderno: "Ronca papo mas não é de nada".
- Provérbio correspondente a: "Das pequenas coisas saem as grandes".
- Alusões prováveis a alguma localidade da região do Rio Pará, no centro do Estado (os campos do Pará). Não parece se tratar de Varginha, cidade sul-mineira, pois no original este termo está com a inicial em minúscula. E nele todos os substantivos próprios vêm grafados corretamente. "Varginha" seria, no caso, apenas um recurso para efeito de rima.

A expressão *cidade do alto* reforça-me essa suposição. *Alto* seria *norte*. Campos do Pará: bem mais ao Norte da região de Pouso Alegre.

FONTES CONSULTADAS:

- "Dicionário de Vocábulo Brasileiro" de Beaurepaire Rohan.
"Dicionário do Folclore Brasileiro" de Luís da Câmara Cascudo.
"Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa."

O significado de alguns vocábulos não dicionarizados, do dito e do provérbio, foi-me informado pelo amigo pouso-alegrense José Soares Theodoro.

RÉSUMÉ

Un vieux cahier "sul-mineiro", par Waldemar Iglésias Fernandes.

Le folkloriste Waldemar Iglésias Fernandes (Sorocaba, Etat de São Paulo) a eu l'heureuse chance de recevoir un "vieux cahier", de manuscrits, contenant une collection de poésies, quatrains et "chansons de guitare" (poésies chantées avec l'accompagnement de la guitare, c'est à dire, la rustique guitare brésilienne) d'auteurs anonymes et presque anonymes (dans quelques-uns on a reconnu l'authenticité de l'auteur des poèmes) de la zone rurale de Pouso Alegre, enregistrées pour le Docteur José Vilela dos Santos dans sa jeunesse. Le cahier lui a été offert par la veuve de l'avocat qui le gardait avec une extrême affection et tendresse, et les poésies doivent avoir été enregistrées vers 1930. La publication de la série complète de ces poésies est précédée d'une légère information de Waldemar Iglésias Fernandes au sujet de la trouvaille du cahier, de la biographie du Docteur José Vilela dos Santos (né en Congonhal, Minas Gerais, le 14 septembre de 1914 et mort le 23 septembre de 1971, en Pouso Alegre, où il a toujours vécu et exercé le barreau), aussi bien que de l'unique poète qu'il a pu biographier: — Joaquim Eduardo, africain, ex-esclave, analphabète, excellent guitariste et chanteur et qui est mort centenaire. D'autres pièces qui apportent la signature de: — João Sabino, Joaquim Venâncio, Antônio Silvério, Zé Pato, Paulistinha Victor, in n'a été possible de cueillir des références biographiques à leur sujet, constant seulement, qu'ils ont été des colons de la ferme du Docteur José Vilela dos Santos, donc des travailleurs ruraux.

SUMMARY

An old copybook "sul-mineiro", by Waldemar Iglésias Fernandes.

The folklorist Waldemar Iglésias Fernandes (Sorocaba, São Paulo State) had the good luck to receive an "old copybook", of manuscripts, containing a collection of poems, quadrains and "modas de viola" (poetry of "viola", that means, the Brazilian rustic guitar) of anonymous and almost anonymous authors (in some was recognized the authorship of the poems) of the rural zone of Pouso Alegre, registered by Doctor José Vilela dos Santos during his youth. The copybook was offered to him by the widow of the lawyer, that conserved it with extreme zeal and love, and the poems must have been registered around 1930. The publication of the complete series of this poetry is preceded by a brief information of Waldemar Iglésias Fernandes about the find of the copybook, the biography of Doctor José Vilela dos Santos (born in Congonhal, Minas Gerais, at 14th September, 1914 and died at 28th September, 1971, in Pouso Alegre, where he has always lived and exercised the advocacy), as well as of the only poet that might have written his biography: — Joaquim Eduardo, African, ex-slave, illiterate, excellent viola-player and singer and that Antônio Silvério, Zé Pato, Paulistinha Victor, it was not possible to gather biographical references we scarcely know that they were settlers of Doctor José Vilela dos Santos farm, therefore rural workers.

An'Augusta Rodrigues

O jaraguá

DE ACORDO COM O COSTUME regional de assim classificar todos os folgoedos, o jaraguá é um "reis". Porque um deles faz parte da "cantoria", por não exigir muita gente para integrá-lo, ou porque fosse originalmente um reísado talvez.

Nada melhor lhe define a categoria, na nomenclatura popular, do que a literal explicação de um seu "dono" ou "mestre":

- Jaraguá é "reis", sim senhora...
- Você pode me explicar por quê?
- É porque a gente sai na rua, aquela folia, aquele reis, todo mundo alegre, brincando e cantando...

Este o jaraguá que habita nossa planície, nas zonas rurais de Campos e São João da Barra. Não frequenta as cidades nem as praias e faz suas aparições nas usinas e fazendas tão-somente.

Alberto Lamego o assinala em A planície do solar e da senzala como "cavalo jaraguá", mas infelizmente não o descreve nem detalha.

No Nordeste é elemento acessório, secundário e de variável presença no bumba-meu-boi — aparece em alguns lugares de Pernambuco, Ceará, Maranhão, Alagoas, Rio Grande do Norte — tendo-se sua incorporação como relativamente recente e não esclarecida em suas origens. O próprio Luís da Câmara Cascudo o reconhece "figura de fora, desconhecida pelos velhos brinquedos do passado" (I:457).

Não há referência a sua presença na Bahia, onde também os bumbas não floresceram. Mário de Andrade o encontrou e recolheu no Rio Grande do Norte, "Bol de Fontes", com versos e melodia; relacionou-o entre as figuras habituais, mas não o descreve nem explica sua participação. Não o cita, porém, nas colheitas de outros bumbas por ele feitas em Pernambuco, Engenho Batateira, Belém do Pará, Humaitá no Amazonas, Vassouras no Estado do Rio (II:23, 36). E entre as fichas e notas esparsas para futuras pesquisas e trabalhos que a morte impediu, uma há que o assinala, presumindo-se que pretendesse levá-lo avante.

Em bumba de São Luís, o jaraguá é "onça", em outros de Pernambuco a cabeça do cavalo é do "babau", (I:457 e II:114). No Ama-

zonas o beixe-boi em língua geral é "juarauá", e quem sabe não vem daí o seu nome?

De qualquer modo e em qualquer lugar, porém, é ser estranho, monstro medonho, assombro a meter medo às crianças, bicho fabuloso, como bem dizem em seu cantar: "corpo di gente cabeça di animá..."

CONHECENDO O PROCESSO de absorção sofrido por muitos, tudo faz pensar se trate de mais um folgado autônomo atraído e despersonalizado pela força aglutinadora do boi. No caldeirão nordestino de miscigenação das tradições imigradas da Europa e da África com as dos nativos da terra, o bumba-meu-boi tem tido uma formidável função de integração e nacionalização dos elementos mais diversos. Assim, reisado, cordão, rancho, baile ou o que fosse, o jaraguá deve ter tido vida própria antes de se tornar apenas uma figura entre as cada vez mais numerosas do mais vigoroso e típico auto brasileiro.

Ainda L. C. Cascudo sugere Alagoas como seu possível berço ou ponto de partida para Pernambuco e Rio Grande do Norte, já que a informação popular o dá como vindo "do Sul", e que apesar da grande riqueza folclórica da Bahia por lá não deixou suas pegadas. (I: 457).

De concreto, portanto, temos que no Nordeste é figura relativamente recente do bumba-meu-boi, por seu turno incrível e quase absolutamente desconhecido nesta região norte-fluminense. Aqui existem bois, sim, os "boizinhos", em sua grande maioria apenas o "boi que dança", de algum modo conjugados ao carnaval tal como nossas enormes e grotescas "bonecas". Esses "bois que dançam" são folias, ranchos ou blocos, nada além disso. Já os "bois pintadinhos", também das zonas rurais, mais desenvolvidos, denotam algum parentesco mesmo longínquo com os nordestinos bumbas. São auto ou reisado rudimentar, com Pai-João e Mãe-Maria, uma ou duas "mulinhas" que têm uma "parte" própria ou em seu lugar "cavalinhos" dançantes, um, dois, até cinco; têm cantigas e um cantor que os faz dançar e "levantar", mas não morrem nem ressuscitam.

Nosso jaraguá, entretanto, lhes é completamente estranho, bicho, canto e dança completamente à parte. Pelo menos até cinco anos atrás, pois em 1965 operários e rurais da Usina Cambaíba organizaram no carnaval um "bloco" com um "boi pintura" que arrastava consigo todas as suas figuras habituais e mais duas bonecas, uma batucada de escola de samba e um jaraguá que apenas dançava, ignorante da própria tradição.

Será esse o início de um processo de assimilação semelhante ao que ocorreu no Nordeste?

Em Santo Amaro também já aconteceu coisa parecida, e pelo menos duas vezes um jaraguá saiu às ruas para brincar num bloco de carnaval. O fato deve ser assinalado na observação da evolução

dos costumes. Não obstante, depois disso, o "reis" continua a palmarilhar os caminhos cantando seus cantos e lançando como sempre fez, e assim vai sobrevivendo.

Diante de tudo isso surge a tentação irresistível de várias perguntas: teria o bicho fabuloso ido daqui para o Nordeste? Seria o Estado do Rio, ou o Espírito Santo, o "Sul" indicado pelos pernambucanos? Ou teria vindo de lá para cá, de Alagoas mesmo ou de Sergipe, aqui persistindo autônomo justamente pela inexistência da força aglutinadora do bumba?

Perguntas sem resposta até quando a mais ampla e total investigação de nosso Folclore possa deslindar os fios da meada... *

Por enquanto temos de nos satisfazer, e já é bastante, com sua sobrevivência em tempo de poder ser assistido, aprendido, explicado, recolhido, escrito, gravado e fotografado o bicho estranho, sua confecção, sua música dançada e cantada, seu comportamento, tradições locais e ambientes. Para que não se perca, sua descrição, transmissão e registro constituem a tarefa que aqui me proponho executar, utilizando tanto os elementos da observação pessoal e direta como as informações recolhidas de vários adeptos e participantes, dançadores e cantadores de jaraguá, remotos ou atuais, em vários pontos da área pesquisada.

SEMPRE O ENCONTRAMOS NA ZONA rural — usinas ou fazendas, pequenos povoados no campo, nunca nas cidades ou nas praias. Os grupos que o organizam são normalmente de parentes e companheiros de trabalho, sem restrições de cor, idade, profissão, estado civil ou condição social, esta em geral equivalente. Só o que se exige é bom ritmo para "bater" ou tocar ou dançar, voz sonora e resistência física para cantar e dançar horas seguidas. As finanças do grupo são normalmente escassas — o chefe compra no "fiado" o material necessário, na venda ou "fornecimento" local. Do dinheiro arrecadado na brincadeira, "na hora do dividendo" recupera o gasto e divide igualmente o restante que é o lucro líquido. Muito ou pouco, quase todo mundo a recompensa com algum dinheiro e pode-se dizer tranquilamente que nunca dá prejuízo.

Teve seu fastígio até por volta de 1945, daí entrando em declínio como todos os seus co-irmãos. Inexplicavelmente, porém, pelos motivos populares que a gente desconhece e pode apenas constatar, de uns cinco anos para cá tem sensivelmente recuperado o prestígio. A cada vez que aparece faz enorme sucesso: regala os mais velhos que o rememoram e conquista novos adeptos entre os moços que o ignoravam mas logo o adotam.

* Segundo informação recebida recentemente em Goiás, o jaraguá é apresentado de maneira semelhante nas cidades de Jaraguá e Pirenópolis. Quem sabe tem aí suas verdadeiras raízes. A primeira localidade é sede de município, situada num terraço do córrego Jaraguá, na base da serra do mesmo nome, afluente do Rio das Almas. Região

Je garimpo de ouro, foi fundada em data imprecisa, posterior a 1729. A área habitada pela tribo Jaraguá, assim tornou-se conhecida, e o nome inicial da povoação foi Nossa Senhora da Penha de Jaraguá. Irradia influência e tem intenso intercâmbio com Piracicaba, também hoje cidade-sede do município do mesmo nome, inicialmente Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, povoado que teve sua origem com a chegada do bandeirante Manoel Rodrigues Thomaz, em 1727. Várias atividades folclóricas mantêm-se aí vivas, além do jaraguá: cavalhadas, folia, do-divino, reis-de-porta etc.

Quando "visita" um conhecido, fazendo uma completa apresentação defronte da casa, é comum o oferecimento de bebida ou doces, precedendo o dinheiro. Nesse caso, ou quando homenageia com destaque alguma pessoa, de acordo com o costume o "mestre" lhe coloca um lenço preferivelmente branco atravessado entre as queixadas. O Jaraguá o oferece ao homenageado, que o retira e nele enrola e amarra o donativo: "quem panha o lenço sempre dá um dinhêrinhu, né"... Enquanto isso o bicho faz uma roda, dançando, e retorna. Abre a bocarra para nela receber o lenço com seu recheio, vai entregá-lo ao "dono" e volta para agradecer com mesuras e salamaleques.

Há também quem faça e prenda por dentro da roupa um saquinho para guardar o dinheiro sem perigo de desvio, já que "seguro morreu de velho"...

Quando a exibição é feita em plena rua, em meio aos muitos assistentes que se aglomeram e o circundam para vê-lo, um "cantador" que pode ser o mestre, o contador ou qualquer um do grupo, corre à volta uma latinha, cuja de queijo do Reno ou de "cuitê", ou mesmo um pires, para recolher as "ofertas" em dinheiro. Por pequenas que sejam nunca faltam...

Admite-se e pratica-se esse tipo de coleta, mas o lenço é incontestavelmente a modalidade tradicional.

Dentro do mesmo espírito, tal como os outros folguedos e reissados, o jaraguá só saía durante a época de Natal, de primeiro de dezembro até as vésperas e dias de Ano e Reis. Passou depois a celebrar outras festas, de santo padroeiro, juninas, de inaugurações ou aniversários: em 1970 até a vitória do Brasil na Copa do Mundo justificou sua aparição em Barcelos e para ela enfeitou-se todo de fitas e tiras de papel verde-amarelo... E no carnaval já vimos que em Cambaiba e Santo Amaro tem brincado, sozinho ou associado a boizinhos, bonecas e capetas.

Andando sozinho leva sobre eles uma grande vantagem — "Jaraguá é "reis" não dá coisa ruim..."

Acontece ser comum a conjugação aos bois de "jongos de ponto", e por seu efeito não é raro "baixar o caboco" em alguém, daí a expressão "coisa ruim". Acontece mais que quando dois bois se encontram na rua há risco de briga entre seus elementos entusiasmados e encachaçados. Sim, porque de todos esses folguedos dizem e é ver-

dade: "sem cachaça não vai..." Realmente, só a euforia da bebida pode dar a animação e a resistência para cantar, andar e dançar horas a fio, embaixo das pesadas e quentes armações. Todos eles se movimentam sem parar, caminhando, correndo, saltando, bailando, pulando e se sacudindo o tempo todo. O boi-pintadinho é o único que deita e "descansa", mas o ritmo mais agitado e portanto o mais cansativo é sem dúvida o do jaraguá.

Pela antiga tradição e até onde alcança a memória dos velhos informantes, além da época havia também hora certa, e era noturna a boêmia de suas andanças. Aos poucos foi-se adaptando e acomodando às exigências e modificações sociais, aos horários generalizados de trabalho e estudo: passou a sair de dia, se melhor lhe convém, e nesse caso, evitando o sol muito quente, sua preferência é pelas tardes de domingos e feriados.

Os instrumentos básicos que requer são poucos e simples, viola ou violão, calxa, pandeiro e harmônica, a sanfona de "oitos baixos". Sempre que possível e quase sempre o é, acrescenta-se pelo menos um tambor que realmente faz falta, o reco-reco ou chochalo. Cavalinho ou ainda bandolim são fáceis de conseguir e bem aceitos se aparecem, mas essencial mesmo é o conjunto dos quatro iniciais. Não consta como habitual, mas, por duas vezes, vi agregar-se-lhes um binário do "dono" ou "mestre", que em silvos agudos marcava o ritmo binário com alegre e enriquecedor efeito no acompanhamento.

O jaraguá é feito com uma caveira de cavalo completa, com os dois maxilares. Manobrados por um cordão forte preso a uma "mola", abrem-se e fecham-se acompanhando o ritmo com o entrecocar dos dentes. A cabeça é "infinçada" num pau comprido e forte, com cerca de um metro, que lhe serve de suporte e de longo pescoço, tão longo quanto seja possível ao portador manejar. O homem que o leva, ou carrega, deve ser vigoroso e ágil, para agüentá-lo dançando sem parar e manobrando-lhe a queixada. Um pano estampado, vermelho com flores ou de outro colorido vivo, veste-o até o chão e cobre também o homem, com um buraco à altura de seus olhos: não dá para ver onde pisa mas vê o que o cerca e onde vai. É preso ao crânio com flores e fitas à guisa de grinalda.

O estranho animal dança em passos miúdos, mas de vez em quando investe sobre os circunstantes. Aos saltos, vai de um lado para o outro com a boca aberta, fingindo que vai morder, o que faz as delícias e o susto da garrotada que o acompanha encantada. O "dono" vai a seu lado, guia-o e



abre-lhe caminho, faz-lhe e recebe medidas e também o acompanha na dança. O cantor segue-o bem de perto, encabeçando os músicos que vêm logo atrás, deixando espaço para suas evoluções. Nas paradas ou visitas à música e os acompanhantes formam círculo à sua volta e ele dança no meio da roda.

As músicas do jaraguá já não são do conhecimento geral. Em sua recente associação com o carnaval não leva nenhuma delas, limitando-se a dançar a batucada comum. Mesmo na maioria de suas atuais aparições individuais ouve-se quase exclusivamente o jaraguá propriamente dito. Os "brincadores" e cantadores mais velhos, porém, fazem questão de cantar e transmitir-las todas.

Se são realmente de origem local é difícil apurar — pelo menos uma, a da baratinha, parece-me de uso restrito à área de Barcelos e seus arredores, onde o grupo dos Machados tem sido seus principais organizadores. Aprenderam a fazê-lo e organizá-lo em Pipeiras, por volta de 1920, com um "nortista" chamado João Batista. Era trabalhador de usina, mas, se a tinha, ninguém se lembra de sua especialidade. Além de Pipeiras, onde se casou com um Machado, morou em Campo Limpo, Outeiro, Queimado e Saturnino Braga e era "professor" em matéria de brincadeiras de rua, difundindo-as e ensinando-as onde quer que andasse. A investigação de outros grupos, em Campos de Areia, Montenegro, Usina do Tai, Santo Amaro, Cambaiba, Saquarema, Beira do Tai, não confirma a inclusão da baratinha. Alguns dizem apenas que já a ouviram.

Das outras, mesmo se já não as sabendo e usando, encontram-se as reminiscências em todos os atuais brincadores adultos — sabem que existiam e delas têm pelo menos uma vaga memória ou conhecimento.

Assim, as diversas informações obtidas corroboram a observação direta dos vários jaraguás a que assisti, um dos quais bem recente, em junho próximo passado, (1970) do qual alegremente participei.

Em sua primitiva forma inicial respeitava-se rigorosamente a ordem de execução dos "reis", e embora já nem sempre a obedeça ou apareça completo, assim vamos descrevê-lo.

A CASA DO DONO ou organizador, ou um "barracão", é o ponto de reunião obrigatória de todos os participantes. Em geral ali concentram previamente todo o material necessário — o bicho, os instrumentos, as roupas, a bebida. Sendo possível, os músicos se vestem de modo ideal: calças brancas e camisas listradas de malha, ou de cetim azul ou vermelho, completado por um boné ou casquete branco. O folgado começa assim que o grupo sai da casa e pisa na rua já can-

tando e dançando ao ritmo da marcha-rancho da "Baratinha", que cobre a primeira parte do caminho.

J = 60

To-du mun-du me-di-zi-a quã í-strê-la não sabi-a Astro-Histã na rua
 com prazêri a-le-gri-a A ba-ra-ti-nha ô, a ba-ra-ti-nha ô a ba-ra-ti-nha bateu as'i
 ô a ba-ra-ti-nha ôi a ba-ra-ti-nha ôi a ba-ra-ti-nha bateu as'i a-vu-ô.
 al %

Todu mundu mi dizia
 Qui a istrêla não saia
 A istrêla está na rua
 Com prazer i alegria...

A baratinha ô (ôí)
 Bis: A baratinha ô (ôí)
 A baratinha bateu as'i avuô

Vô ehégand'i vô cantandu
 Na divisãu du terrêru
 Vô ehégand'i vô cantandu
 Meus cabôco são guerrêru...

A baratinha ê... etc.

Está = está
 As'i = asa e

Avuô = vou
 Vô ehégand'i = vou ehégando e

É possível que tivesse mais versos, mas tenho ouvido sempre apenas esses e às vezes até a primeira quadra continuamente repetida. A segunda, mais parece canto de macumba, porém é inegável que sua origem esteja no ballado dos caboclinhos (N:1.)

Quando os foliões vão-se aproximando da casa ou ponto a que se destinam, passam para o "reis" propriamente dito, que é o trecho dos Pastores (N:2). Repetem-no inúmeras vezes, de começo no estilo típico e adequado — lento, ligado, com notas alongadas e quase sempre nasalado. Mas logo passa ao ritmo vivo e crescente o acelera e

após uma breve pausa a música passa ao ritmo vivo e marcado do "descante", que é o jaraguá inconfundível e inesquecível.

$\text{♩} = 60/80\%$

Us pas-to-ris desta vez qui di mim faz zombaria Só mi ver eutá cho-

al %
-ren' pe-la nos-sa com-pa-nhi-a pe-la nos-sa com-pa-nhi-a Só mi -ni-a.

Us pastôris desta vez
Qui di mim faz zombaria
Us pastôris desta vez
Qui di mim faz zombaria
Com mi ver eu stá choran'
Pela nossa companhia
Pela nossa companhia...

Us pastôris desta vez
Qui di mim faz zombaria
Us pastôris desta vez
Qui di mim faz zombaria
Só mi ver eu stá choran'
Quando vem rompen' u dia
Quando vem rompen' u dia...

Pastôris = pastôres
Stá = estar

Rompen' u = rompendo o
Choran' = chorando

Por todo o trajeto, batendo ruidosamente as queixadas, o bicho se bamboleia, investe e espanta os espectadores que o acompanham. As crianças se espalham em gritado alvoroço a cada arremetida do monstrengo e de longe se ouve o alarido das risadas e gritos de susto.

Chegando ao local escolhido começa então a dança, os instrumentos tocando em ritmo muito vivo e todo o grupo fazendo côro no estríbilho. O cantor deve cantar sozinho os versos curtos, dos quais a ccorre sistematicamente, com a única condição de manter a rima em "a". Com o decorrer da cantoria o solo é exequível apenas nos improvisos, pois o entusiasmo contagiante leva todo mundo a cantar em conjunto os de conhecimento geral.



Èvem èvem èvem Jaraguá
Bichinho bunitinho
Qui só sabi vndiá...

Èvem èvem èvem Jaraguá
Corpa di genti
Cabeca di animá...

$\text{♩} = 96 \text{ a } 120$

È-ven è-ven è-ven jaraguá ti-chi-nhu-ti-nhu qui só sabi vndiá - á è-ven è-

al %
vem è-ven jaraguá è-ven di Gio longi morá nesti lugá è-ven è-ven èvem jaraguá bichinho tu-ni-

al %
ti-nhu qui só sabi namorá èvem è-ven èvem jaraguá bichinho tu-ni èvem jaraguá

Èvem èvem èvem Jaraguá
Èveu di tão longi
Morá nesti lugá...

Èvem èvem èvem Jaraguá
Bichinho bunitinho
Èvem Jaraguá...

Èvem èvem èvem Jaraguá
Bichinho bunitinho
Qui só sabi namorá...

Èvem èvem èvem Jaraguá
È na praça di Barcelo
Qui nós vamu brincá...

Èvem èvem èvem Jaraguá
Èveu di tão longi
Pa dançá nesti lugá...

Èvem èvem èvem Jaraguá
Bichinho bunitinho
Qui num sabi trabaiá...

Èvem èvem èvem Jaraguá
Bichinho bunitinho
Qui só gosta di dança...

Sabi vadiá — sabe vadiar
Animá — animal
Èveiu — veio

Èvem èvem èvem Jaraguá
Minha mãi chama Maria
Meu pai chama Baltazá...

Prá dança — pra dançar
Corpo di genti — corpo de gente
Qui nós — que nós

Bis- Meu jaraguá vamu s'imbora
Vamu cum Deus nu reinu da glória

Vamu cum Deus nu reinu da glória
Meu jaraguá vamu s'imbora

Bis- Eu vô cum Deus nu reinu da glória
Deus mi ajud'us anju mi adora...

Vamu s'imbora = vamos embora Vitória = vitória
Nu reinu da glória = no reino da glória Mi ajud'us = me ajuda os

È evidente a semelhança com a colheita de Mário de Andrade em seu "Boi de Fontes", e vale a pena confrontá-los (II:87).

Os versos repetem-se em ordem arbitrária e variável, alguns mais frequentes do que outros por mais simpáticos, eufônicos ou difundidos. Esgotado o repertório, chega o momento da coleta de dinheiro já descrito. Depois dos agradecimentos de estilo o jaraguá dança à roda, cumprimentando os admiradores com mesuras em todas as direções, enquanto músicos e cantores atacam a "despedida". Ai, embora predomine o primeiro, o bicho é indiferentemente chamado jaraguá ou manjerição e o ritmo continua o mesmo, apenas em andamento ligeiramente moderado.

Referindo-se exclusivamente a manjerição, essa "despedida" adapta-se na mesma função aos brinquedos do "boi" e aos "reis de porta".

♩ 96 a 120



Bis- Manjerição vamu s'imbora
Vamu cum Deus i Nossa Sinhora

Vamu cum Deus i Nossa Sinhora
Manjerição vamu pru campu da vitória

Bis- Meu jaraguá vamu s'imbora
Vamu cum Deus i Nossa Sinhora

Vamu cum Deus i Nossa Sinhora
Meu jaraguá vamu s'imbora

A duração da exibição só é limitada pelo fôlego dos foliões que se despedem e se retiram cantando. Calam-se porém logo adiante, enquanto marcham, e só os instrumentos continuam a bater marcando o compasso, até se aproximarem da parada seguinte, na esquina ou na praça, diante de uma casa amiga ou de um prédio de destaque. Ai, já refeitas as pernas e as gargantas, recomeçam tudo. E assim vão até que o cansaço os obrigue a recolher e sossegar enquanto não chega o dia de novas andanças e "visitas".

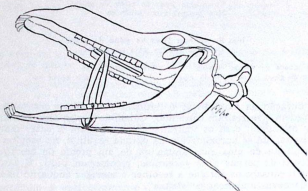
Passemos agora aos detalhes da confecção de um jaraguá:

Inicialmente lava-se com água e sabão e desinfeta-se com álcool a caveira de cavalo. Os dentes que estejam "balançados", em risco de cair, ou soltos, são colados nos alvéolos com cola plástica ou de borracha. Faz-se um eixo de arame duro prendendo os maxilares, depois de devidamente encaixados, para que não se desmontem. Circunda-se o inferior pelo meio, com outro arame forte, bem ajustado e seguro.

Isso feito, deixando secar cada uma, recobre-se a caveira com pelo menos três camadas de papel colado — de pão, jornal ou saco, qualquer um serve. Por último leva uma folha grande, inteira, que se recorta conforme necessário para acompanhar-lhe a forma, e a veste toda. Nessa capa abre-se um buraco no lugar exato, descobrindo o arame debaixo da queixada.

Na cavidade interna ao longo do maxilar superior coloca-se sob pressão, enfiado até o focinho, um rolete de madeira forte que fique bem preso, usando arame fino se for necessário para reforçar-lhe a fixação. Nesse pau veste-se uma tira de borracha resistente, que pode ser de pneu, larga de uns dois dedos, que passa sob o arame a descoberto sob o maxilar. Amarrando-se seguramente com nó e arame fino as suas pontas, formando um anel elástico que é a "mola" da queixada. Naquele mesmo arame amarra-se ainda um cordão ou fio forte, com-

prido, que corre ao longo e por baixo da ossada, desce por dentro da roupa e será manejado pelo dançador para abrir e fechar a boca do bicho.

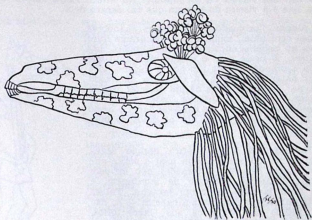


Preparada a cabeça pinta-se então na cor desejada, variável com o gosto de cada um, podendo ser lisa ou malhada — toda preta ou branca, com malhas pretas, brancas, vermelhas ou marrons, à vontade. Sendo clara, todos; sendo escura apenas os da frente, os dentes costumam ser pintados de vermelho. Se leva orelhas, são recortadas em papelão comum ou de "alta pressão", próprio para juntas de encanamento, pintadas e afixadas no lugar com um prego por dentro do ouvido.

Os olhos também variam. Têm usado levar nas órbitas, encaixadas e presas com cola, prego ou arame, duas bolas de papel colorido, laranjas pintadas ou o que fosse encontrado a jeito, depois abandonado em favor de lâmpadas queimadas, pintadas ou não. Melhor ainda: há uns litros escuros que têm o fundo soprado em cone para dentro da garrafa. Cortados na base, encaixados por dentro da cabeça, esses fundos de litro transformam-se em fascinantes olhos negros, lustrosos e protuberantes... Ou então, de acordo com a era da tecnologia que é a nossa, o mais moderno lançamento em 1970, que fiquei conhecendo em junho, em Barcelos: dois "olhos de gato", faroletes traseiros de carretas de cana, colocados nas órbitas. Sensacionais olhos vermelhos, brilhantes, acesos, ligados a uma caixinha com duas pilhas elétricas presas no pau do pescoço, dias depois aperfeiçoados com a instalação de um pisca-pisca... É a evidência da dinâmica do folclore!

Voltemos, porém, à tradição. No alto da cabeça, e se não as leva, nos buracos das orelhas, prendem-se três buquês de flores de papel ou pano, de cores diversas. A volta do crânio, por trás das orelhas

ou buquês, cola-se uma carreira de longas fitas ou tiras estreitas de papel de seda de todas as cores, à guisa de cabeleira esvoaçante.



O pescoço é um pau roliço, grosso de uns cinco ou seis centímetros, com cerca de um metro de comprimento. A uns 35 cm da ponta é furado e atravessado, formando cruz, por outro mais fino com 50 ou 60 cm de comprimento, figurando os ombros do animal. Logo abaixo, a uns 10 cm, outro furo e outro pau semelhante em sentido perpendicular fazendo cruzeta com o primeiro, com um braço longo, de uns dois palmos, no mesmo sentido do fochino. Nessa ponta se prende a caixinha ou as pilhas, cujos fios passam e dão laçada em cada uma das outras três pontas da cruzeta, daí subindo até os olhos, com as extremidades soldadas às lampadzinhas que os iluminam.

Esse "pescoço" é enfiado ou "infiado" na cavidade occipital da caveira, se necessário afinando-lhe a ponta para que entre e fique bem firme. Na extremidade inferior à altura da cintura do portador, leva um entalhe circular onde se amarra e prega com um prego, pela frente, uma laçada de corda com o comprimento necessário para vestir o passar por trás de seu pescoço. Este é protegido por um pano grosso enrolado e colocado na nuca para não machucar ou ferir a pele. O peso fica assim melhor distribuído e bem mais cômodo de carregar e brincar do que segurando-o e sustentando apenas com as mãos, que por sua vez ficam livres.

Falta agora somente vestir nosso bicho: com nunca menos de 2,50 metros de comprimento, sua roupa é uma "sala" de chitão "baiano",

isto é, estampadão berrante em flores e folhas, com bastante vermelho, quanto mais melhor. Nela se faz uma bainha larga onde se passa um cadarço que a franze e ajusta por trás das orelhas e flores, fixada com algumas tachas ou preguinhos. Na altura exata abre-se um buraco, que é a viseira do homem que vai dentro dela.

Alguns "brincadores" preferem manobrar a boca com uma "mola" que é um arame duro preso ao próprio encaixe das mandíbulas, nas apófises. E nesse caso o arame mais fino que ajuda a prendê-las fica um pouco folgado para poder bater os queixos. A cordinha amarrada à "mola" corre por cima de um carretel grande pregado no maxilar inferior passa pelo furo correspondente aberto na capa de papel e como a outra desce pela roupa até as mãos do portador.

Também há quem prefira dançar segurando o cabo do pescoço, sem usar a corda auxiliar. Essas pequenas alterações não influem essencialmente no processo de montagem, e basta segui-la para fazer um jaraguá. Talvez o mais difícil seja conseguir a caveira — os cavalos velhos são vendidos aos laboratórios, quem sabe a açougues em Minas, como dizem, ou a fábricas de salsicharia... Seja como for, as ossadas de cavalo são escassas, ainda mais que devem ter os dois maxilares e respectivos dentes. As desdentadas não servem...

Resta apenas dizer que a armação é pesada, o exercício violento, a transpiração abundante. Embaixo da saia do bicho, que acumula e retém o calor, a roupa do "portador" não pode ser mais que um calção.

Tenho assistido muitas vezes ao folguedo. Seu sucesso é sempre absoluto e seria pena vê-lo desaparecer dentre os costumes da planície. Não há quem lhe resista ao ritmo, ao efeito cênico, à festiva algazarra que o acompanha. As crianças se assustam, tem medo e fogem dos meninos da feia cabeça que bate os dentes como se fosse mordê-las, mas cercam-no e seguem-no fascinadas, entre risos, canto e gritos estridentes.

Nas comunidades de trabalho das usinas e fazendas vai sobrevivendo entre os grupos de companheiros de serviço e familiares. Os hábitos porém vão-se modificando, surgindo novos, e as oportunidades para brincadeiras desse tipo vão rareando. Cabe às autoridades e às instituições incentivá-las e proporcionar por ocasião das festas, comemorações, homenagens a visitantes, exposições, etc. Que o façam e que por muito tempo ainda o alegre refrão do "Èvem jaraguá" ressoe nos ouvidos, nas memórias e nos corações dos campistas e sanjoanenses!



MUITAS PESSOAS FORAM entrevistadas e interrogadas e com o máximo de boa vontade me prestaram informações. A todos agradeço o muito que lhes devo e por fazerem parte da pesquisa cito os principais:

Euzébio Machado — semi-analfabeto, preto, nascido em 1900 em Pipeiras, onde passou a primeira infância. Morou depois na Usina do Outeiro e veio já rapazola para Barcelos, onde trabalhou na Usina como turbinheiro até se aposentar. Dos seis filhos homens, os três mais moços sempre gostaram e participaram das diversas atividades em que é mestre — jaraguá, bois, reis, jongs, serenatas, nas quais era sempre o cantador. Aprendeu de tudo com o pai, Francisco Machado, barbeiro, com seis filhos e três filhas, morador em Pipeiras e Outeiro. Todos se habituaram, aprenderam e têm transmitido à sua volta toda espécie de recreação e atividades tradicionais. A família é extremamente musical, quem não canta toca alguma coisa, e os poucos que não o são contam estórias, adivinhas, etc. Dos nove irmãos cinco homens e duas mulheres, todos casados e com filhos, são radicados em Barcelos, moram em casas da Usina, aqui constituindo um vigoroso grupo familiar. Em maior ou menor grau quase todos acreditam e frequentam macumba.

Domingo Machado — O irmão mais velho, nascido em 1896 em Pipeiras. Sabe e gosta de ler revistas e jornais. Casado, dois filhos e quatro filhas. Não cantava mas tocava cavaquinho e participava de tudo. Tem um filho do mesmo nome, Mingo, também vulgo Baleba, de rara sensibilidade e inspiração, que toca violão, cavaquinho, é genial no bandomolim e continua a tradição da família.

Enéas Machado — O terceiro irmão. Nascido também em Pipeiras. Foguista da Usina Barcelos, onde sempre trabalhou e morou. Analfabeto, dado à cachaça, boêmio, foi tuberculoso, mas curou-se. Apesar da idade ainda gosta e é especialista em jaraguá, jongo, reis e rezas de macumba, de que é o mais adepto e praticante. Casado, cinco filhas e três filhos, todos dados à música, canto e dança. Note-se que o culto do candomblé não impede que toda a família seja e faça questão de ser católica...

Amaro Rodrigues — Branco, alfabetizado, nascido em 1910 em Montenegro, onde esmepre viveu. É lavrador e pequeno proprietário rural. Aprendeu e sempre par-

ticipou dos folguedos organizados em sua área, especialmente Campo de Areia. Mora em casa própria, dentro da lavoura, tem vida rústica mas farta e sem grandes problemas econômicos, tem bom nível social em seu meio.

Milton de Souza Gama — Branco, alfabetizado, nascido em Santa Bárbara, em 1939. Passou a infância em Mergulhão e no Cabolo, sede da família paterna. Morou e "se formou" na Usina do Taí, começou a trabalhar como carreiro e depois cocheiro na Fazenda do Jorge. Ali saíam sempre bois e jaraquá e deles participava, ajudando a fazê-los. Mas começou mesmo a aprender "essas coisas" em pequeno, com o pai. Tavinho, até hoje pequeno proprietário rural e lavrador, por gosto campeiro, domador e preparador de cavalos para cavalhadas e para as habituais corridas "de raia" da região. Atualmente Milton mora em Mergulhão e trabalha como cocheiro na Fazenda da Flora, da Usina Cambaíba, onde faz e organiza os folguedos. Tem nível social um pouco inferior ao do pai, pois é assalariado, porém bem acima dos companheiros de profissão, e vive mais à larga do que eles.

Norival Manhães de Andrade — nascido em 1945, em Santo Amaro, onde começou a trabalhar e viveu até os vinte anos. Tem o curso primário, é soldador maçariquero, veio trabalhar em Barcelos de onde foi para o Rio. Aprendeu tudo com o pai, que já gostava e fazia as brincadeiras e os bichos. Canta e compõe sambas, já teve em Santo Amaro uma Escola de Samba em que incluía boi, jaraquá, capetas e outros animais de sua invenção, inclusive um elefante. Gosta de ter os próprios instrumentos e fabrica tambores e surdos com latões de carbureto. É solteiro, tem razoável padrão econômico e social, gosta disso tudo e de serenatas, mas não de balles.

João Rodrigues — Branco, nascido em Beira de Taí em 1908, onde viveu até os 36 anos. Falecido em 1970 em Fazendinha. Analfabeto, trabalhador rural, tocava e pandeiro, e apenas acompanhava os bichos, mas cantava bem "fado" e "reis".

NOTAS:

- (1) — A seu respeito convém ler a preciosa pesquisa de Mário de Andrade motivada pela frase "Com prazer e alegria" (II: 299, §8), e confrontar nossa quadra

inicial em a do dobrado de "Cubocolinhos" (IV: 292. O parentesco do tema e dos versos é evidente, embora não se estenda à linha melódica. Diante da semelhança, não há como duvidar que o "cabeço" da segunda quadra tenha a mesma precedência.

- (2) — Essa quadra dos "pastores" é permanência portuguesa em nosso cancioneiro. Através do "correto" mineiro do "Peixe vivo", tão da simpatia do ex-presidente Juscelino Kubitschek, tem alcançado larga difusão e popularidade, na linguagem correta e de claro sentido:

Os pastores desta aldeia
Já me fazem zombaria
Por me ver andar chorando
Por me ver andar chorando
Sem a tua, sem a tua
Sem a tua companhia...

XXX

BIBLIOGRAFIA

É praticamente inexistente a respeito de jaraquá. Cito as poucas referências encontradas:

- I — *Luís da Câmara Cascudo — História da Literatura Brasileira — Vol. VI Literatura oral.*
II — *Mário de Andrade — Danças Dramáticas do Brasil — Vol. III.*
III — *Alberto Lamego — A Planície do Salar e da Senzala.*
IV — *Mário de Andrade — Danças Dramáticas do Brasil — Vol. II.*
V — *Brasil Açucareiro, agosto 1967, pág. 60.*

RESUME

Le "Jaraquá", par An'Augusta Rodrigues.

"Jaraquá" est un jouet folklorique qui se trouve dans la zone rurale de l'état du Rio de Janeiro et aussi en quelques états du Nord-est, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Alagoas et Rio Grande do Norte. La Professeure An'Augusta Rodrigues (Commission Fluminense de Folklore) place le jouet à l'état de Rio de Janeiro. Ici les groupes qui l'organisent sont, normalement, des parents et des compagnons de travail, sans restriction de couleur, d'âge, de profession, d'état civil ou de condition sociale. On exige uniquement que les participants sachent "frapper" ou sonner, qu'ils aient une voix sonore et de la résistance physique pour chanter et danser à toute heure.

Le "Jaraquá" est fait d'un crâne complet de cheval, avec les maxillaires, lesquels, insensibilisés pour un fort cordon, lié a un "ressort", s'ouvrent et se ferment, accompagnant le rythme avec l'entre-choque des dents. La tête est enfoncée dans un long et fort morceau de bois. L'homme qui le porte doit être vigoureux et agile, pour le supporter en dansant sans s'arrêter et manœuvrer sa mâchoire. Une étoffe imprimée, en vives couleurs, l'habille jusqu'au sol et couvre aussi l'homme qui le porte, avec un trou à l'hauteur des yeux. Le bizzarre animal danse à très petits pas, cependant, de temps en temps, il assaille les assistants, ensautant, simulant qu'il les va blesser avec les dents, ce que fait les délices et l'effroi des gamins. Le "maître" va à son côté, le guide et lui ouvre le chemin, lui fait des salamales et en reçoit. Le chanteur, qui marche à la tête des musiciens, qui viennent à la suite, le suit de près, laissant espace libre pour ses évolutions. Le groupe des musiciens est réduit, car le jouet exige des instruments basilières simples et en petit nombre, comme: — un genre de guitare ou la propre guitare, "caixa", tambour de basque, "marzomica", accordéon à huit bases, tambour, "reco-reco", "chocinho", petite guitare et mandoline.

Minha mãe me perguntou
 Meu fio pra onde vai?
 — Eu vô lá brincá e as moças,
 Mevê brinca com meu pai.

Açucena quando nasce
 Solta fôin e não dá gaio.
 Eu quando nasci no mundo
 Pra passá tanto trabáio.

Minha mãe me perguntó
 Meu fio como namora?
 — Ponto um lençulinho no bolso
 Dêxo uma ponta de fora.

A violinha é tão boa
 Mas tem um senão consigo.
 O senão desta viola
 É um buraco no imbigó.

Alecrim na bêra d'água
 Tem a fôia riscadinho.
 Quem tem amor vive gordo,
 Quem não tem vive magrinho.

Eu já vi um home véio
 Que tinha um dente só.
 O nariz muito comprido
 Bem na ponta tinha um nó.

Tem dia que eu penso, penso;
 Tem dia que eu quaje choro,
 Magnando minha vida
 Quando fô pra i imhora.

O meu pai é um tico-tico.
 Minha mãe é uma rolinha,
 O meu pai anda de pulo,
 Minha mãe de carrerinha.

Soltei um limão correndo
 No alto da samambáia
 Deu no papo duma véia
 Que tava comendo páia.

Alecrim nasceu da pedra,
 A pedra nasceu do chão.
 O amor entra pros óio,
 Vai morá no coração.

Dizem que o cigarro tira
 A miçoga que a gente tem:
 O cigarro queima tudo (todo)
 Alegria nunca vem.

[sapatelado]

Di-zem que o ci-garri-raa ná-goa que a gente tem

[sapatelado]

O ci-gar' queima todos os alôgi' m-n-ca vem

As quadrinhas, como acima se explicou, são cantadas ao ritmo da viola, de dois em dois versos. Assim:

A viola não é minha,
 Se eu qu' ser minha será.

Segue-se o sapatelo com permuta de lugares. Os dançadores param na posição nova e os violeiros completam a redondilha:

Se eu fizer intento nela,
 Meu amor compra e me dá.



Violino ○
 Dançador ○

RESUME

Tontinha, par Francisco Pereira da Silva.

Typiquement folklorique, la *tontinha* peut être dansée dans un salon et dans un "terreiro" (endroit où ont lieu des cérémonies de magie noire). On rencontre des vestiges de la "tontinha" à la Vallée du Paraíba, où, jadis, elle a été très appréciée. Selon l'auteur M. Francisco Pereira da Silva, qui a assisté à une exhibition de la "tontinha", il y a quelques années, à l'intérieur paulista, la "tontinha" doit être dansée par un multiple de quatre participants, estimant comme bon un groupe de douze à seize personnes. L'accompagnement de la danse est fait, généralement, par deux guitaristes qui chantent et jouent marquant le trépignement des danseurs. Suivant l'opinion de l'auteur la "tontinha" se prête très bien à des exhibitions chorégraphiques de groupes parafolkloriques.

SUMMARY

Tontinha, by Francisco Pereira da Silva.

Typically folkloric, the *tontinha* can be danced in a saloon and in a "terreiro" (an outdoor place where voodoo is practiced). Vestiges of the *tontinha* are found at the Paraíba's Valley, where that kind of dance was formerly very appreciated. According to the author, Mr. Francisco Pereira da Silva, who was present to a show, some years ago, at the paulista's hinterland, the *tontinha* must be danced by a multiple of four participants, taking into consideration that a group composed from twelve to sixteen persons is acceptable. The accompaniment of the dance is made, generally, by two viola-players who sing and play marking the tap-dance of the dancers. As stated by the author the *tontinha* is very well fitted for choreographics shows of parafolklorics groups.

**QUINZENA DE VITALINO NO MUSEU DE
ARTE POPULAR DO RECIFE**

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, do Recife, promoveu em janeiro/fevereiro deste ano uma "Quinzena de Vitalino" — I Retrospectiva do Mestre Vitalino — no Museu de Arte Popular, em Dois Irmãos, expondo 80 peças e vários "posters" ilustrativos das fases de confecção dos bonecos, os instrumentos de trabalho do ceramista (pequena faca, bastão, pedaços de pentes quebrados, pregos para furar os olhos das figuras) e ainda cartões explicando como Vitalino fazia suas criações.

A mostra salientou que nove anos após a sua morte, Vitalino Pereira dos Santos — Mestre Vitalino —, o mais famoso artista popular do Nordeste, que morreu tão pobre como viveu, além de receber a homenagem de outros artistas humildes, seus colegas de profissão, também mereceu o reconhecimento dos estudiosos, folcloristas, sociólogos e críticos de arte, que o apontam como a mais pura expressão do rude lirismo nordestino. A mostra encerrou-se no dia 5 de fevereiro último.

MÚSICA FOLCLÓRICA EM PELOTAS

O Conservatório de Música da Universidade Federal de Pelotas realizou de 13 a 18 de setembro de 1971 um Curso de Música Brasileira Folclórica e Popular sob a direção da Sociedade Cultural e Artística Uirapuru, do Rio. O programa do curso foi o seguinte: Música Popular Brasileira, pela professora Vera Thielen (Porto Alegre); Folclore Gaúcho, professor Ênio de Freitas e Castro (Porto Alegre); Ernesto Nazareth na Música Brasileira, Prof. Bruno Kiefer (Porto Alegre); Três Vultos Históricos na Música Brasileira, Prof. Batista Siqueira (Rio de Janeiro) e A Influência do Folclore na Música de Villa-Lobos, Prof. Flávio Oliveira (Porto Alegre).

LONDRINA TEM SUBCOMISSÃO DE FOLCLORE

Em comunicação ao diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Sr. Renato de Almeida, a Irmã Anadir Gema Santini, professora de Folclore da Faculdade de Música Mãe de Deus, de Londrina, deu conhecimento da instalação de uma subcomissão estadual de Folclore naquela cidade do Norte do Paraná. Foram empossados como membros da subcomissão os professores Manoel Barros de Azevedo, Carmelina da subcomissão os professores Manoel Barros de Azevedo, Carmelina da Palma, Zita Kiel, Matilde Cavalcanti da Cunha, Irene Ziober, Maria Lucia Diniz, Antônio Vilela Magalhães, Cleide da Silva Pereira, Leoniza Baggio Vieira, Oriete Carvalho Mussi Fagali, Maria José Maluf Duarte, Hiltud Frich Carvalho, e o jornalista Creso Moraes, da "Folha de Londrina".

FOLCLORE E ARTESANATO NO PLANO DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UCG

O Instituto de Antropologia da Universidade Católica de Goiás reuniu seus membros da Seção de Folclore e Artesanato — Profs. Sarah Rassi Taleb, Maria Cira Jorge Meireles, Jaime Marchesi e Braz José Coelho, que, após minucioso levantamento de áreas prioritárias, fontes bibliográficas e outras providências, elaboraram a "Minuta do Projeto" para levantamento e estudo do folclore goiano, com programação para o biênio 1972/1973.

O projeto prevê levantamento de ocorrência folclórica, pesquisas de campo e relatórios nos municípios selecionados pelo Instituto de Antropologia da UCG: Caiapônia, Guarani de Goiás, Posse, Serranópolis, Jaupaci, Amerinópolis, Fazenda Nova, Mossamedes, Paraúna, São Miguel do Araguaia, Gurupi, São Domingos, Miranorte, Mara Rosa, Catalão, Pirenópolis e Trindade. Serão consideradas as seguintes áreas de pesquisas: Artesanato (cerâmica e tecelagem); cozinha e medicina caseira; Literatura Oral (lendas e contos); Danças e músicas populares; superstições; jogos e festejos populares.

SEMANA PARA O FOLCLORE NO ESPÍRITO SANTO

Com o objetivo de preservar as tradições populares do Espírito Santo, a Fundação Cultural daquele Estado instituiu a Semana Estadual do Folclore, que será realizada sempre na terceira semana de agosto, coincidindo com o Dia Nacional do Folclore. O Diretor do Setor de Cultura Popular da FCES, teólogo Joaquim Beato, iniciou a elaboração do mapa folclórico do Espírito Santo, já tendo, para isso, percorrido o Estado.

Vários grupos do interior serão levados a Vitória para exposições. De Conceição da Barra irão os grupos de reisado, com suas lutas entre mouros e cristãos, além de outros pontos do Estado.

FESTIVAL DE VERÃO EM ALAGOAS

A cidade de Marechal Deodoro, que foi a primeira capital de Alagoas, realizou, de 29 de janeiro a 6 de fevereiro, o seu II Festival de Verão, promovido pelo Departamento de Ciências e Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado e com o apoio do Conselho Federal de Cultura. Terra de templos seculares e casario colonial, Marechal Deodoro é banhada pela Lagoa Manguava e fica a 36 quilômetros de Maceió.

Do II Festival de Verão constaram concursos de poesia, contos, música popular, danças folclóricas, apresentação de violeiros, exposição fotográfica, feira de artesanato e projeção de filmes. Foram conferidos prêmios aos cinco primeiros colocados: Prêmio Graciliano Ramos, em conto, Cr\$ 1 mil; Prêmio Breno Acioli, contos, Cr\$ 500,00; Prêmio Jorge de Lima, poesia, Cr\$ 1 mil; Prêmio Jaime de Altavila, poesia, ... Cr\$ 500,00 e Prêmio Guimarães Passos, poesia, Cr\$ 500,00.

ARTESANATO DÁ RENDA A UBATUBA

As habilidades manuais dos caçaras de Ubatuba, no litoral paulista, estão criando para a localidade uma nova fonte de renda: o artesanato em bambu. Cestas, balaios, quebra-luzes, tapetes, e uma infinidade de outros objetos confeccionados com aquele material, decoram hoje as residências de milhares de paulistas e de moradores de outras cidades. Ubatuba é muito visitada pelos turistas, e os artesãos locais procuram vender seu produto diretamente ao consumidor, evitando a intermediação das lojas.

CURSO SOBRE A PINGA

A Escola de Folclore promoveu no Ibirapuera, São Paulo, de 11 a 27 de janeiro, com aulas diárias, das 16 às 18 horas, um curso sobre a história da pinga, tendo sido utilizada como ilustração das aulas a "Pingateca" do Museu de Artes e Técnicas Populares. O curso se destinou a professores e pessoas interessadas em assuntos de folclore e os

alunos tamaram conhecimento de numerosas pingas, algumas de composição muito curiosa, como o caso da pinga com içá, formiga que em certos lugares se come torradinha.

VISITAS AO MUSEU DO FOLCLORE

O Museu do Folclore, instalado nos jardins do Museu da República, localizado no Palácio do Catete, Guanabara, registrou durante o ano de 1971 a visita de 11.363 pessoas. A maior afluência de visitantes, como de hábito, ocorreu no mês de julho, consequência das férias escolares de meio de ano.

ASSOCIAÇÃO DAS RENDEIRAS DE SANTA CATARINA EMPOSSA NOVA DIRETORIA

A Associação das Rendeiras da Ilha — Assori — com sede em Florianópolis (Rua Tenente Silveira, 69), empossou no dia 15 de janeiro último, sua nova diretoria: presidente, Dilsa Damasio; vice, Isabel Clara Silveira; 1.º secretária, Alice Martins; 2.º secretária, Lindomar Correia; 1.º tesoureira, Odília Moreira e 2.º tesoureira, Maria Silveira.

A Assori, que reúne mais de trezentas rendeiras, mantém exposição e venda permanentes de seus trabalhos na Alameda Konder, próxima à entrada da Ponte Hercílio Luz, lado da Ilha, em dependências do Departamento Autônomo de Turismo. Os trabalhos das associadas da Assori são considerados os mais perfeitos e tradicionais de Florianópolis.

MESTRA GOIANA FAZ CURSO EM SÃO PAULO

A Professora Marcolina Martins Garcia, do Departamento de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, realizou em São Paulo, em janeiro último, um curso intensivo de Artes e Técnicas Populares na Escola de Folclore do Museu de Artes e Técnicas Populares do Ibirapuera. A professora Marcolina Garcia apresentou o Museu de Artes e Técnicas Populares de São Paulo com uma série de fotografias sobre folclore goiano e peças de cerâmica, pedra-sabão e madeira, considerados de alto valor artístico. Por sua vez, o Prof. Rossini Tavares de Lima, que ministrou as aulas do curso de dez dias de Artes e Técnicas Populares, ofereceu ao Museu Antropológico da UFG um presépio miniatura de cerâmica popular do Vale do Paraíba, bem como monografias, revistas sobre folclore e outras publicações.



O Grupo Pastoral Filhos de Belém, organizado por famílias maranhenses radicadas no Rio, apresentou-se no dia 26 de dezembro de 1971 nas dependências do Forte de Copacabuna, numa promoção da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. O grupo (foto) reproduz o auto natalino tal como ainda é apresentado em São Luis. Compõe-se de crianças que representam os diversos personagens bíblicos: pastores, os reis magos, o casal Maria e José, a Samaritana. O espetáculo também inclui fenômenos da natureza, como as estações do ano, os astros e lipos da tradição como a cigana, os "galegos" e outros. O Grupo Pastoral Filhos de Belém é dirigido por Maria da Natividade.

BOI BUMBÁ, DE BRUNO DE MENEZES, EM SEGUNDA EDIÇÃO

O Conselho Estadual de Cultura, do Pará, que vem mantendo intensa atividade editorial, acaba de lançar segunda edição do livro do saudoso folclorista paraense Bruno de Menezes — *Boi Bumbá*, cuja primeira edição, lançada em 1958, já estava inteiramente esgotada.

Neste livro, a primeira pesquisa séria sobre o folguedo popular paraense, contendo material coletado em Belém, Bruno de Menezes realizou talvez seu mais importante trabalho de folclorista. Reconhecendo a importância desse livro para os estudos do folclore paraense,

o Conselho Estadual de Cultura promoveu sua reedição, lançada agora em sessão solene no Auditório do Conselho numa solenidade presidida pelo Prof. Clóvis Silva de Moraes Rego e que contou com a presença do governador do Estado, engenheiro Fernando Guilhon. Em nome do C.E.C., falou o Prof. Machado Coelho, recordando passagens da vida desse folclorista, poeta ilustre, boêmio que sempre viveu e conviveu com os tipos populares, fazendo, em consequência, o tipo de pesquisa participante do melhor estilo.



O governador do Estado do Pará, Eng. Fernando Guilhon, fazendo a entrega do primeiro exemplar do livro à Professora Francisca Santos de Menezes, viúva do saudoso escritor Bruno de Menezes, na sessão solene do Conselho Estadual de Cultura, presidida pelo dr. Clóvis Silva de Moraes Rego.

PRÊMIO SILVIO ROMERO DE 1972

O Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Ministério da Educação e Cultura, baixou o seguinte Regulamento para a concessão do Prêmio Sílvio Romero, instituído pela Portaria n.º 215, de 23 de junho de 1959, modificada pela de n.º 288, de 27 de julho de 1961, n.º 210, de 18 de agosto de 1965, e n.º 343, de 27 de outubro de 1966, do Ministro da Educação e Cultura:

1) As monografias concorrentes podem versar quaisquer temas do folclore brasileiro, tratados, quando for o caso, à base de versões locais e da linguagem usada pelo grupo estudado;

2) Só serão consideradas trabalhos de caráter monográfico, inéditos os originais de pesquisa, não divulgados por qualquer meio;

3) Os trabalhos devem ter um mínimo de trinta (30) folhas, tipo ofício, datilografados a dois espaços, e vir assinados com pseudônimo. Em envelope separado e opaco, sobrescrito apenas com o pseudônimo do concorrente e o título do trabalho. O autor ou autores se identificarão com os nomes verdadeiros e endereço;

4) Exigem-se três vias e, em caso de fotografias, mapas, desenhos, croquis etc., desde que não façam parte integrante do texto, bastará uma via de cada;

5) Os originais devem ser entregues à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rua da Imprensa 16, 6.º andar, sala 610, GB, até o dia 31 de julho de 1972;

6) Não poderão participar do concurso os membros do Conselho Nacional de Folclore, nem os pesquisadores contratados com trabalhos que coincidam com as pesquisas que realizaram para a Campanha;

7) A Campanha designará comissão julgadora de três membros, um deles do Conselho Nacional de Folclore, convidados pelo Diretor-Executivo; a qualidade de membro da Comissão Julgadora é incompatível com a de concorrente;

8) A Comissão Julgadora terá inteira liberdade para emitir seu parecer, podendo a) indicar a monografia merecedora do Prêmio e até duas outras a que serão conferidas Menções Honrosas ou b) opinar pela não concessão dos Prêmios;

9) À monografia classificada em primeiro lugar será conferido o prêmio único e indivisível de quatro mil cruzeiros (Cr\$ 4.000,00);

10) As monografias classificadas em segundo e terceiro lugares receberão Menção Honrosa e serão publicadas nas páginas da "Revista Brasileira de Folclore";

11) O autor contemplado com o Prêmio Sílvio Romero não poderá concorrer ao Prêmio, senão após um intervalo de três anos;

12) Só serão divulgados os nomes dos autores contemplados com o Prêmio ou com as Menções Honrosas; os originais dos demais trabalhos concorrentes ficarão à disposição dos interessados;

13) O Prêmio Sílvio Romero e os certificados de Menção Honrosa serão entregues a 22 de agosto de 1972, "Dia do Folclore", 14.º aniversário da instalação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

CENTENÁRIO DE JOSÉ DE CARVALHO

Entre as comemorações de 1972, não pode passar despercebido o centenário de nascimento do folclorista José de Carvalho, autor de um livro curioso — "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará" —, publicado em Belém, em 1930, e considerado indispensável para o confronto das dois folclores.

José de Carvalho nasceu na cidade do Crato, Estado do Ceará, a 11 de fevereiro de 1872 e morreu no Rio de Janeiro a 15 de dezembro de 1933. Autodidata, colaborou na imprensa de Fortaleza, onde residia, e dali mandava trabalhos para o "Anuário Brasileiro Garnier", quando dirigido por João Ribeiro, onde foi publicada a série intitulada "No domínio do Folk-lore: o Ceará", nos volumes de 1910 a 1912, divulgando fatos folclóricos do seu Estado.

Depois de alguns anos em Fortaleza, emigrou para a Amazônia. Conheceu os seringais, várias cidades ribeirinhas e, por fim, fixou-se em Belém, fazendo carreira política e exercendo múltiplas atividades: jornalista, deputado estadual, poeta, historiador, tabelião e advogado. Perdeu o cartório na revolução de 1930. Voltou ao Ceará e daí transferiu-se para o Rio de Janeiro, exercendo emprego federal.

No Pará foram publicados seus dois livros: "Os Jangadeiros cearenses em "raid" ao Pará" (Belém, Of. Graph. do Instituto Lauro Sodré, 1928) e "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará; contribuição ao Folk-lore Nacional" (Belém, Of. Gráf. do Jornal de Belém, 1930).

MARIZA LIRA

Faleceu no dia 4 de setembro do ano passado, nesta cidade, a folclorista Mariza Lira. Carioca, estudiosa da música popular, Mariza Lira formou no movimento folclórico brasileiro desde os tempos iniciais da fundação da Comissão Nacional de Folclore. Foi professora de folclore na Escola Cultural de Arte, de Copacabana, e secretária-geral da sociedade de folclore do Rio de Janeiro. Publicou vários livros: "Brasil Sonoro" (Rio de Janeiro, Ed. A Noite, s. d.); "A Posição de João Ribeiro no folclorismo nacional", ensaio; "Afinidades entre o folclore italiano e o folclore brasileiro", ensaio; "Calendário folclórico do Distrito Federal"; "Migalhas folclóricas"; "Uma, duas argolinhas...", folclore infantil, em colaboração com Leonor Posada.

Além destes trabalhos e de vasta colaboração em revistas especializadas, ou na imprensa diária, Mariza Lira realizou exposições, promoveu conferências em instituições científicas, fez programas de rádio, participou de Congressos folclóricos, manteve, enfim, intenso labor de divulgação do folclore brasileiro.

LONDRES VE ARTESANATO DO NORDESTE

Em Londres foi inaugurada, em março, uma exposição de artesanato com artigos típicos do Nordeste. A mostra foi instalada no Centro Comercial do Brasil e permaneceu aberta até 14 de abril. As matérias-primas utilizadas na confecção dos objetos expostos incluíam asas de borboletas, algodão, couro, sisal, cana-de-açúcar, bombu, pedras preciosas e prata. Alguns dos objetos expostos: cortinas, bordados, mantas, bolsas e cestos.

ESTADO DO RIO FAZ MAPA FOLCLÓRICO

Uma pesquisa que abrangerá todos os municípios do Estado do Rio, está sendo realizada por técnicos do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação daquele Estado com vistas à organização de um mapa do folclore fluminense. A primeira cidade programada para o levantamento é Parati, seguindo-se Campos, local de fato material folclórico. Os pesquisadores estudarão os aglomerados humanos fixados em praias e pontos isolados. As equipes técnicas contarão com músicos e folcloristas do Estado, munidos de gravadores, máquinas fotográficas e filmadoras. Os dados obtidos serão analisados, para avaliação do valor cultural, histórico e sociológico.

JOSÉ CABOCLÓ EXPÕE EM PARIS

José Caboclo, um dos mais fiéis seguidores da arte de mestre Vitalino, vai a Paris, convidado pelo Itamarati para expor sua arte e mostrar aos franceses como modela as peças artesanais que fabrica e vende na feira de Caruaru. Desde criança, José vende bonecos de barro na feira e não se mostrou espantado quando recebeu o convite. Antes, porém, quer ir a Brasília para conhecer a capital e mostrar sua arte aos brasilienses.

CONCURSO MÁRIO DE ANDRADE

Estão abertas até o dia 31 de outubro as inscrições ao Prêmio Mário de Andrade, de monografias sobre o folclore brasileiro, com Cr\$ 5 mil para o primeiro colocado, com Cr\$ 3 mil para o segundo e Cr\$ 2 mil para o terceiro, conferindo-se ainda menções honrosas ao quarto, quinto e sexto lugares. As inscrições devem ser feitas na Discoteca Municipal de São Paulo (Rua Catão, 611). A iniciativa tem por finalidade incentivar estudos sobre folclore nacional e com eles a formação de bibliografia referente ao assunto.

Serão levadas em conta apenas as monografias que representem resultado de pesquisa pessoais, feitas em campo por seus autores e os trabalhos que embora não satisfazendo aquela exigência revelarem

enfoques originais na interpretação de dados bibliográficos sobre o folclore nacional. A comissão do júri, formada por três especialistas em folclore e temas afins, deverá apresentar o resultado do concurso até o dia 30 de novembro.

PARAIBA MOSTRA SEU FOLCLORE

Para orientação dos visitantes da Paraíba sobre aspectos da cultura popular local, a Secretaria de Divulgação e Turismo daquele Estado lançou cinco folhetos sobre manifestações folclóricas, ilustrados com desenhos e fotografias. As publicações, organizadas pelo escritor Altmar Pimentel, descrevem a Barca, o Boi dos Reis, os Índios, os Violeiros e o Coco de Roda.

FOLCLORE EXPORÁ LIVROS EM BRASÍLIA

As publicações da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro estarão incluídas entre as principais obras publicadas pelas editoras nacionais a serem mostradas ao público em junho/julho na Capital Federal, por ocasião da inauguração do novo prédio da Biblioteca Central da Universidade e Brasília. Convite nesse sentido foi endereçado à direção da CDFB pela UnB.

O novo prédio da biblioteca está localizado no centro demográfico do campus daquela Universidade. Tem três pavimentos e subsolo, totalizando 16.210 m² e terá capacidade para um milhão de volumes e dois mil lugares para leitores. Atualmente, a biblioteca permanece aberta 24 horas por dia e foi frequentada em 1971 por 1.049.032 leitores, o que corresponde a duas vezes a população de Brasília.

CENTENÁRIO DE KOCH-GRÜNBERG

Theodor Koch-Grünberg nasceu em Grünberg, Hesse, a 9 de abril de 1872 e morreu na fazenda "Vista Alegre", no atual território Federal do Rio Branco, no dia 8 de outubro de 1924. Grande etnógrafo, pesquisador incansável, desde maio de 1903 esteve em contacto com os indígenas brasileiros, com breves pausas de estudos na Alemanha, onde dirigiu o Linden Museum de Stuttgart. Professor universitário, viajou e observou, superiormente, zona considerável do Amazonas, o Rio Negro e seus afluentes, deixando uma bibliografia preciosa, clara e documentada sobre os aspectos da vida indígena. Os ensaios em que fixou caça, pesca, organização tribal, residência, alimentação, situação social da mulher selvagem, danças, utensílios domésticos, guerreiros, regime de trabalho, animismo, literatura oral, são modelares e o credenciam como um dos maiores especialistas da região amazônica.

VIOLEIRO DE MINAS GRAYA NO MIS DA GUANABARA

Mineiro de Abaeté, Renato Andrade está introduzindo a viola mineira no Rio de Janeiro e contando estórias do arco da velha. Diz ele que sua música não é de herança:

— Ninguém em minha família toca. Num dia de chuva, lá em Abaeté, quando voltara da fazenda de um amigo, encontrei um violino sem cordas, abandonado, largado no meio do mato. Levei para casa. Três domingos depois estava concertado por um velho italiano da cidade. E eu, imagine só, algum tempo depois, tocava no coro da igreja.

Foi assim que se fez músico. Estudou com o professor Geraldo Andrade, em sua terra. "Mas foi preciso muito **Te Deum** e muita **Ave Maria** para fazer meu nome na cidade".

Na viola, entretanto, é que ele se encontrou. Ao contrário de Flausino Vale, seu amigo, triunfou na viola e não no violino. Renato aprendeu vasto repertório clássico, mas nunca esqueceu a viola sertaneja, e seu repertório nela se expande através de melodias folclóricas, variações e arranjos que ele próprio compõe.

Como toda violeiro que se preza, Renato Andrade toca o canto da inhumã. Explica:

— A inhumã é um pássaro. Então o matuto ponteia a viola, achando que o ponteio é semelhante ao canto do pássaro e que as notas agudas representam a fêmea e as graves o macho. Ela sempre termina com a nota dominante e ele responde com a tônica.

Cada violeiro tem uma forma particular de tocar o canto da inhumã. Renato Andrade explica ainda que duas ou três frases são idênticas e quase todo mundo toca, mas o bom violeiro cria toques especiais, às vezes tão virtuosísticos que acaba criando fama de haver feito pacto com o diabo. Renato Andrade conhece e toca várias estórias de pactos com o demônio. Uma das mais populares, entre os violeiros de Minas Gerais, é a lenda do Rio Abaixo: o demônio, em figura de um rapaz muito bonito e simpático, desce rio abaixo numa canoa, com uma viola toda enfeitada de ouro, e seduz uma danzela com os sons maviosos da viola.

Renato Andrade fez audições na Guanabara, apresentado pelo maestro Guerra Peixe e gravou extenso depoimento no Museu da Imagem e do Som, entrevistado pelo professor Aloysio de Alencar Pinto, gravando, entre outras, "Saci Pererê" (acrobacia musical), "Realejo" (imitação das velhas realejos de manivela), "Sapateado" (lundum característico), "Urupês" (recortado mineiro) etc.

II FESTIVAL DO FREVO

Sob as auspícias do Congresso Brasileiro de Frevô, realizar-se-á em Volta Redonda, nos dias 11 e 12 de agosto de 1972 (sexta-feira e sábado), o II FESTIVAL DE FREVO, do Estado do Rio de Janeiro.

O Festival instituiu um concurso para frevo-canção. As inscrições estão abertas até 31 de julho de 1972. Pode ser inscrita qualquer modalidade de frevo cantado: frevo-canção, frevo de bloco, frevo tipo trio elétrico, etc. Exige-se que a composição seja inédita. Não há limite quanto à quantidade. O autor pode residir em qualquer parte do País.

Em 11 de agosto terá início o Festival, com audição pública na sede do Império do Frevo, perante a Comissão Julgadora e os convidados. Em 12 de agosto, isto é, no dia imediato, todas as músicas apresentadas no dia anterior serão reprisadas, enquanto uma Comissão fará a apuração dos pontos atribuídos pelo Júri da primeira audição. Ao final da última composição o apresentador abrirá o envelope entregue pela Comissão encarregada de contar os pontos e divulgará a classificação, a saber:

1.º, 2.º e 3.º Lugares — Francisco Torres, Prefeito Municipal

A Mais Bela Melodia — Nelson Ferreira, Diretor de Disco Mocambo
A Mais Bela Letra — Capiba, Compositor

A Melhor Instrumentação — Jonas Cordeiro, Maestro

A Melhor Introdução — Irmãos Valença, autores de "O Teu Cabelo Não Nega"

A Mais Exótica — Francisco de Vasconcelos, "Revista Encontro com o Folclore"

O Melhor Intérprete — Luci Porto, Cantora

Menções Honrosas — João Santiago, compositor de "Batuta de São José".

Bibliografia

Augusto Raul Cortazar, **Poesia Gauchesca**. Buenos Aires, Ediciones Culturales Argentinas, 1970, 146 pp.

No presente ensaio o autor nos coloca em presença dos fundadores da literatura argentina, advertindo de início sobre o significado da expressão "poesia gauchesca" — que serve de título ao trabalho — e que é tomada comumente em certos setores por "poesia de los gauchos". Entende Augusto Raul Cortazar, com a autoridade que lhe confere uma extensa obra no campo da pesquisa folclórica, que a primeira corresponde ao que se poderia chamar de poesia folclórica de tema gauchesca, enquanto a segunda — poesia de los gauchos — agrupa os temas anônimos, orais, coletivos e tradicionais.

Situando a poesia gauchesca como elo no processo cultural, Cortazar desenvolve no preâmbulo de vinte e duas páginas análises e observações com as quais justifica a apresentação dos fragmentos poéticos selecionados que ocupam quase todo o presente trabalho e que se subordinam aos seguintes capítulos: Folclore Poético Gaúcho, Projeções Folclóricas no Teatro e Projeções Folclóricas na Poesia (Poesia Gauchesca). Nesta última, o autor destaca trechos de **Martin Fierro** (José Hernandez); **Fausto** (Estanislao del Campo), **Santos Vega** (Hilario Ascasubi), **Cielito del Torito** (Luis Perez), e outros.

No final do ensaio, o autor apresenta um pequeno glossário com palavras que aparecem no curso do trabalho e uma nominata bibliográfica.

Martin Gerbert, **Religionen in Brasilien**, eine Analyse der nich-katholischen Religionsformen und ihrer Entwicklung im sozialen Wandel der brasilianischen Gesellschaft. Colloquium Verlag Berlin 1970. 125 p. (Bibliotheca Ibero-Americana, vol. 13).

A expansão dos estudos sobre o folclore brasileiro é fato que registra-se como amostra do interesse decrescente, no âmbito internacional, dos folcloristas dos vários países a respeito de nossa cultura e, em particular

de nessas tradições populares. Tal interesse se observa tanto no chamado Novo Mundo, como no Velho. Na Alemanha, por exemplo, muito se tem estudado temas brasileiros. Questões e problemas são debatidos nas Universidades e em outros centros culturais, além das exposições em obras de ensaios. Foi, de fato, um alemão, Hans Staden, um dos primeiros escritores a chamar a atenção do velho mundo para as coisas de nosso País. Se Hans Staden (séc. XVI) nos parece ter dado descrição de fantasiosa do País e da gente que o habitava nos primeiros anos da colonização, longe estamos de considerá-lo um outro Barão Von Münchhausen, célebre por suas fanfarronadas quando da guerra russo-turca. É que na obra de Staden, apesar do autor haver-se tornado igualmente figura lendária, herói de aventuras fantásticas, prisioneira dos temíveis tupinambás, na aldeia do chefe Cunhambebe; é que na obra de Staden, continuamos, encontra-se fato material etnográfico sobre as indígenas que habitaram o litoral brasileiro, inclusive preciosas ilustrações.

Copiosa literatura científica devemos ainda aos estudiosos alemães, a partir mesmo da famosa dupla de viajantes Spix e Martius, que percorreram nosso País de 1817 a 1820. Daí aos nossos dias, tem-se multiplicado, em língua alemã, estudos, análises e pesquisas, versando os mais diversos temas, mas sobretudo etnografia indígena. Estudo da maior importância sobre formas religiosas, ou de um neocatolicismo — produto de intenso sincretismo de concepções religiosas de origem européia, indígena e africana — subscreve Martin Gerbert nesta 13.^a monografia publicada pela Biblioteca Ibero-Americana, de Berlim. A análise é bem conduzida e fartamente documentada. Saliente, em particular, a Macumba, o Espiritismo e várias seitas Protestantes que, juntamente com outras formas messiânicas de caráter religioso se fundiram, entre nós, ou tendem a se fundir, resultando num amplo sincretismo. Conclui o autor que, no Brasil, aparentemente, não há seitas que se opõem mutuamente, ou, pelo menos, há uma tendência à aproximação, fusão e sincretismo que, afinal, compõem esse imenso quadro que ele denominou de neocatolicismo.

Ronald Daus, *Der epische Zyklus der Cangaceiros in der Volkspoesie Nordbrasilien*. Berlim, Colloquium Verlag Berlin 1969. 152 pp. (Biblioteca-Ibero-Americana, vol. 12).

Entre os temas do folclore brasileiro que têm obtido maior repercussão internacional, despertando o interesse de inúmeros estudiosos, figura a poesia tradicional nordestina, o folheto da chamada "literatura de cordel". Vários centros universitários europeus e americanos estão no momento realizando pesquisas e análises desta poesia. Uma das mais exaus-

tivas e interessantes, apoiada em farta documentação, foi realizada por Ronald Daus e que constitui a 12.^a monografia publicada pela Biblioteca Ibero-Americana, de Berlim.

Ronald Daus concentra seu estudo no ciclo épico dos Cangaceiros, apoiando-se em nada menos de 130 folhetos e farta bibliografia subsidiária. O estudo leva ao leitor de língua alemã não só a notícia desta poesia, como análise minuciosa de sua estrutura formal e dos temas mais versados pelos poetas populares do Nordeste brasileiro. Erudita análise histórica e sociológica do problema do cangaço, os traços psicológicos básicos dos sertanejos e o destaque dos tipos que mais interessaram os poetas populares: Antônio Silvino e Lampião. Quase um terço do livro se compõe de notas (ao todo, 185), que abonam suas afirmativas.

Isabel Aretz, *El Tamunangué*. Barquisimeto/Estado de Lara (Venezuela) Contribución de la Universidad Centro-Occidental, 1970. 169 pp.

Em comemoração dos 425.^o anos de El Tacuyo, a Universidade Centro-Occidental da Venezuela publica esta monografia de Isabel Aretz, ilustre folclorista argentina radicada naquele país. Conta Isabel Aretz que o "Tamunangué" foi uma das expressões musicais e coreográficas da Venezuela que lhe chamaram a atenção desde os primeiros tempos, não só por sua indiscutível beleza, como também pelo fato de estar mais próxima, que nenhuma outra manifestação folclórica venezuelana, da música crioula do noroeste argentino sobre a qual tanto havia trabalhado. Tivera oportunidade de assisti-lo, em 1947, por ocasião do festival folclórico realizado em Caracas no qual se apresentou o conjunto de "tamunangueros" de El Tacuyo. Radicando-se depois definitivamente na Venezuela pôde ampliar suas primeiras investigações, ouvir e escrever a música coletada em diferentes anos e lugares assim como consultar os trabalhos de outros folcloristas. Com todo esse material escreveu a monografia intitulada "El Tamunangué", publicada em Lima, Peru, na revista "Folklore Americano", órgão do Comitê Interamericano de Folclore. A presente reedição amplia consideravelmente aquele trabalho com novas observações e numerosos materiais complementares. Trata-se, na verdade, de um trabalho novo, muito mais vasto e mais completo, fartamente ilustrado com fotografias, textos musicais e desenhos coreográficos, que abonam a afirmação da autora de tratar-se da mais típica expressão musical e coreográfica do Estado Lara, Venezuela. Constitui o Tamunangué num jogo de Batalha e uma série de

sete danças, que se executam, mediante promessa, diante de Santo Antônio, a 13 de junho, em todas as casas em que se venera este santo.

Na Venezuela, o brinquedo é chamado, pelo povo, "son de negros", com alusão aos brincantes ou talvez às origens étnicas do povo que costumava comemorar Santo Antônio, em seu dia, com festas, devoção, poesia, música etc.

A autora inclui documentos transcritos pelo professor Alvaro Fer-
naud e vários devidos a Luis Felipe Ramón y Rivera, seu marido, bem
que transcreve o catálogo de todas as gravações já realizadas pelo
Instituto de Folclore do INCIBA, existentes em sua sede, em Caracas.

A monografia é um modelo de pesquisa de campo, elaborada du-
rante vários anos por uma das mais ilustres folcmusicistas de nosso
continente, a quem o folclore venezuelano já deve uma soma considerá-
vel de bons serviços.

Robert B. Klymasz, **The Ukrainian Winter Folk-
song Cycle in Canada**. Ottawa, Edi. The National
Museums of Canada, 1970. 156 pp.

Cinquenta canções folclóricas, obtidas do repertório de aproximadamente
trinta informantes, dão uma idéia do ciclo hibernal do folclore ucraniano,
tal como ele é hoje encontrado no Canadá entre antigos imigrantes.
Essas canções foram registradas, entre 1963 e 1966, nas diversas cole-
tividades ucranianas das pradarias canadenses e giram em torno de
três festas principais: Natal, Ano Novo e Epifania.

O colecionador, Robert B. Klymasz, dividiu os cânticos natalinos
em três categorias: a) Profanos; b) religiosos; e c) "dissimulados". Na
introdução, refere-se às características do gênero considerado em par-
ticular, suas origens e sua evolução, sua forma e seu estilo tradicionais,
bem como a nova função deste ciclo no Canadá, onde serve, antes de
tudo, de meio de identificação étnica e de antidoto a uma assimilação
cultural completa.

Kenneth Peacock transcreveu os textos musicais de conformidade
com os registros das gravações realizadas "in loco". Robert B. Klymasz
preparou os textos, tanto na tradução inglesa como na versão ucraniana
original. Uma crítica dos documentos bibliográficos conexos e dos reg-
istros comerciais completa a obra, que se faz acompanhar, ainda, de
vários discos das gravações fonográficas originais.

Robert B. Klymasz, **An Introduction to the Ukrai-
nian-Canadian Immigrant Folksong Cycle**. Ottawa,
Edi. The National Museums of Canada, 1970.
106 pp.

Os imigrantes ucranianos começaram a afluir para o Canadá no final
do século XIX, após esforços do governo visando colonizar as vastas
terras virgens da Oeste canadense. Os ucranianos trouxeram com eles
seu folclore. O próprio transplante deu nascimento a novas feições a
esse folclore, feições que exprimem os diversos aspectos e etapas de toda
essa aventura que os imigrantes tiveram de vencer no período de adap-
tação ao novo meio. Ao mesmo tempo, o repertório tradicional da pá-
tria distante conheceu logo transformações inevitáveis ao contacto com
o novo meio canadense.

Robert B. Klymasz, no decurso de suas pesquisas nas colônias ucr-
nianas das pradarias, de 1963 a 1965, pôde registrar numerosas in-
formações diretamente ligadas a estes acontecimentos. A presente com-
pilação compreende 28 cantos folclóricos que Robert Klymasz escolheu
de sua volumosa coleção de cantos e narrativas do folclore ucranianos.
Na introdução do volume, explica a ordem da classificação em seis gê-
neros diferentes: cantos da imigração, cantos da prova e da decepção,
cantos de lavour, cantos macarrônicos, cantos rituais e vários cantos
não rituais. Todos os textos dos cantos são reproduzidos na língua ori-
ginal e numa tradução, linha por linha, para o inglês. As melodias fo-
ram transcritas por Walter P. Klymkiw, de Winnipeg, e correspondem
às primeiras coplas da língua original.

A pesquisa, que complementa a monografia anterior, encaminha
aspectos muito significativos de povos transculturados, com farta do-
cumentação, ilustrações fotográficas no texto, solfa das melodias e,
acompanhando o volume, discos fonográficos.

O volume faz parte da série "Folclore" (n.º 8), Boletim n.º 234, de
Museu Nacional do Canadá.

Revistas e Periódicos

Bulletin de la Societé de Mythologie Française
n.º LXXXIII, out./dec. 1971 e n.º LXXXIV,
jan./mar. 1972. Bulletin trimestral. Sede social:
Lycée Félix Faure. 60-Beauvais-France.

Tem sido dos mais fecundas o intercâmbio desta revista com suas congêneres estrangeiras. Sem medir esforços, temos alargado o campo das permutas alcançando todos os continentes e os periódicos mais diversos, alguns altamente especializados como este Boletim da Sociedade de Mitologia Francesa. Mimeografado, com aparência modesta, encerra contudo contribuições do mais alto valor como informação e exegese da mítica. A escola francesa atingiu, como se sabe, grande expansão nesses estudos, tendo desenvolvido uma metodologia universalmente consagrada. O Boletim reflete, em cada número, a importância dessa escola.

Nestes dois números, encontramos, n.º 83, trabalhos de H. Fromage: "L'ône de St Martin", comunicação ao Congresso de Montluçon; Cl. Gaignebet: "Gug, un autre nom du géant Gargan"; G. Lobrichon, "Encore Mélusine — un texte de Geoffroy d'Auxerre"; Mme C. Kh. Iablokoff "A proops d'un céphalophore briard St Lié"; Abbé A. R. Verbrugge, "Bas-relief d'un labyrinthe à Compiègne. Oise" e notas diversas.

No número 84, correspondente ao primeiro trimestre deste ano, trabalhos de H. Fromage: "Tentative de synthèse des travaux du Congrès de Montluçon"; Mme. C. Kh. Iablokoff: "La Pierre Sacrée, tombe de tête et Omphalos", notas de mitologia geral; Philippe Gabet, "Le Dragon de Nanteuil: légende et analyse"; J. P. Lelu, "Matériaux pour une mythologie du Loup", seguidos de notas diversas e resenhas de trabalhos dos membros da Sociedade.

Parlers et traditions populaires de Normandie,
Publication trimestrielle de la Société "Parlers et
Traditions Populaires de Normandie", Tome qua-
tre | 1971-1972 |, quatorzième fascicule | Noël
1971 |.

A Sociedade "Parlers et Traditions Populaires de Normandie" tem sua sede social no edifício das Archives Départementales, em Saint-Lô,

Rouen e o seu boletim é publicado trimestralmente. Toda correspondência, bem como pedidos de assinaturas, devem ser endereçados a M. André Dupont (224, Rue Robert-Schuman, 50-Saint-Lô, Rouen).
M. Destacamos, na vasta colaboração desse número, os trabalhos de Mi-Cheline et Eric Marie — "Comptines et dicitions recueillis a la pointe de la Hague" (St-Germain-Vaux et Auderville), de Annie Lohier — "Toponymie maritime" da região costeira de Urville-Nacqueville (Ha-gue), de Jules Davy — "Glossaire du parler bas-normand (1890-1900) de la région de Briouze (Orne) et des environs" e de Jean au Limousan — "Chausonnys, chausons et chauntous d'p'a l'Su d' Coutances".

Studia Fennica; revista de lingüística e de etnologia finlandesa. Tomo 16. Helsinki 1971. 256 p.

Esta é uma das mais importantes publicações filandesas no campo da lingüística e da etnologia, publicada pela Sociedade de Literatura Finlandesa (Suomalaisen Kirjallisuuden Seura), sob a responsabilidade de Maija-Liisa Heikkinmäki, auxiliada por redatores ilustres, como Martti Haavio, Lauri Hakulinen, Jouko Hautala, Tuomo Tuomi e Urpo Vento.

Este tomo traz apenas três monografias. A primeira delas versa sobre arados populares na Finlândia — "Die Pfluggeräte Finnlands" — trabalho de Kustaa Vilku, é um exaustivo estudo sobre esse aparelho agrícola, sua vasta distribuição no território finlandês, a técnica de fabricação e do uso na lavoura tradicional do país. A monografia, por sua extensão e importância, domina todo este volume, que traz ainda um estudo de Juhan U. E. Lehtonen — "Estrinische Robbenfang — Schnittpunkt der Fangkulturen des Finnischen und Bottnischen Meerbusens — e, por fim, de Sulo Haltsonen — "Finnische linguistische und volkskundliche Bibliographie für die Jahre 1969-1970 —, uma bibliografia abrangendo apenas o período de 1969-70.

Studia Fennica é redigida e publicada no idioma alemão, tornando-se assim acessível a um círculo muito mais vasto de interessados.

Revista Colombiana de Folclore; organo del Instituto Colombiano de Antropologia. Volumen IV, Numero 10, Segunda época — 1966-1969. 166 pp. **Revista Colombiana de Antropologia**; organo del Instituto. Volumen XIV. Bogotá, años 1966-969. 306 pp.

O Instituto Colombiano de Antropologia publica as duas revistas citadas e que são das mais importantes em nosso continente, quer no campo do Folclore, considerado em particular, quer no da Antropologia, ciência mais ampla e que, inclusive, pode abranger a primeira.

As dificuldades que todas as publicações científicas enfrentam nos países latino-americanos são testemunhadas pelo longo atraso com que são lançadas, tornando mais difíceis e insuficientes as comunicações entre os cientistas dos diferentes países, cuja troca de informação é indispensável para mantê-los atualizados com os trabalhos de seus colegas. Não obstante, as publicações se mantêm a despeito das dificuldades e estreitam cada vez mais os laços de solidariedade dos cientistas, tornando-as ainda conscientes não só dos problemas gerais como também da alta responsabilidade que lhes cabe preservar.

As duas publicações colombianas já se inscreveram, no conceito de antropólogos e folcloristas, como das mais importantes do continente.

Referimo-nos particularmente à **Revista Colombiana de Folclore**, editada pela Junta Nacional de Folclor, do Instituto Colombiano de Antropologia. A junta é presidida por Fábio González-Zueleta e secretariada por Guillermo Abadía M.

Neste número, colaboram Yolanda Mora de Jaramillo, com "Artes y artesanías populares"; Francisco Márquez Yáñez, com "Apuntes sobre folclor del café colombiano"; Horacio Rodríguez Plata, com "La hormigas "colunas" en la historia y el folklore"; Nina S. Friedemann, com "Contextos religiosos en un área negra de Barbacoas, Nariño, Colombia"; Milina Muñoz V, "Juegos de Salón: Penitencias, Los Aguinaldos, La baraja o juego de naipes"; Sergio Elias Ortiz, "Consejar y creencias de tipo folclórico en la región de Pasto" (Suroeste de Colombia); Nina S. Friedemann, "La comunicación y el folclor colombiano; un enfoque antropológico"; Yolanda Mora de Jaramillo, "Viaje de observación a algunos centros de educación indígena, artística y artesanal del suroeste americano"; e Osorio Gómez, "La institución del compadrazgo entre los indios Guambianos", e mais notas necrológicas e notas bibliográficas.

Boletim da Comissão Fluminense de Folclore. Niterói, Ano IV, número V, março 1972.

Secretariada pelo professor Rubens Falcão, a Comissão Fluminense de Folclore edita o seu boletim trazendo colaboração variada e noticiário sempre atualizado. Neste número, colaboram: Alberto Lamego Filho: "Muxungo e Macarongo" (transcrição de "A Planície do Solar e da Senzala"); Ney Land: "Notas pitorescas sobre índios do Brasil"; Rossini Tavares de Lima, "Nota por nota"; Veríssimo de Melo: "Posição do Folclore como Ciência"; Amélia Tomás: "Folia de Reis"; Maria Thereza Mello Soares: "O Vigia"; Bê da Silva: "Folclore Fluminense" e Gontran da Veiga Jardim: "Deus tira Karajá do eterno Aruanã".

O Boletim da Comissão Fluminense de Folclore pode ser solicitado ao seguinte endereço: Avenida 22 de Novembro n.º 27. 24000 Niterói, Estado do Rio de Janeiro.

A MEDICINA DO DOUTOR SAMPAIO

O DOUTOR FRANCISCO ANTONIO de Sam payo, português de Villa Real, arcebispado de Braga, veio para o Brasil por volta de 1758. Era médico "aprovado em toda a Cyrurgia, e com licença para curar de Medicina". E ainda mais: "Partidista em ambas as Faculdades do Senado, e Hospital de S. Joam de Deus de Villa da Cachoeira, termo da Cidade da Bahia".

Atraído pelo potencial farmacêutico da flora tropical brasileira, Sam payo, ou Sampaio, fez dela a fonte do seu receituário. Em um quarto de século de pesquisa e de manipulação de ervas na sua clinica, ele reunia anotações numerosas sobre as virtudes curativas da nossa flora, a par de estudos que também desenvolveu no referente a animais e minerais. Em 1782, um copista transformava as notas de Sampaio em um volume a que o autor deu o titulo de *História dos Reinos Vegetal, Animal, Mineral do Brasil, Pertencentes a Medicina*".

Com a morte do médico, o volume, ao longo de quase cento e cinquenta anos, andou de mão em mão e nas estantes e arquivos de muitas instituições, até ingressar, no inicio deste século, nas dependências da Biblioteca Nacional, a cujo arquivo pertence. Escrita há duzentos anos, a obra de Sampaio sai agora na série Anais da BN, volume 89.

A edição, segundo Darcy Damasceno, chefe da Seção de Manuscritos da biblioteca, mantém no possível, o texto de 1782. Numa primeira incursão à *História dos Reinos...*, nossa curiosidade se detém nos vegetais que o médico relaciona como possuidores de virtudes curativas. Embora modestas na análise e sem maiores pretensões científicas, as observações de Sampaio adquirem relevo como documento de um estágio da medicina brasileira. Descreve ele as "várias plantas com as virtudes, dozes, e methodos de as applicar aos enfermos".

Era um empirico, o doutor Sampaio. E tinha orgulho disso. A vocação da pesquisa, a curiosidade grande, pareciam suplantar a sua pouca ciência e desprezar a ciência dos outros. O que diz sobre a salsa-parrilha (*Smilax officinalis Kunth*), mais do que a alusão a uma planta é a revelação de um modo de proceder: "Hé bem verdade que a descrição da salça parrilha que eu acho pelos escritos dos autores hé

muito diversa da presente; porem eu unicamente trato das plantas que vejo, e das virtudes que nellas experimento; porque se quizesse tratar das de que tenho noticia, e não experiencia, poderia escrever avultados volumes”.

Para Sampaio, ou para a clinica rural da época, as plantas de natureza medicinal se dividiam em resolutivas, anticólicas, refrigerantes, temperantes, detergentes, incrassantes, adstringentes, purgantes, desobstruentes, contravenenos, febrifugos, diaforéticos e antivenéreos. A título de curiosidade seleccionamos alguns nomes de vegetais, entre os muitos que o médico anotou, com as observações sobre virtudes e usos e segundo as categorias com que os reuniu. E respeitadas a grafia e a sintaxe do copista:

DAS REZOLUTIVAS

Jarrinha (*Aristolochia trilobata* L.) — “As folhas, e talos da jarriha sam hum dos mais proficuos rezolutivos...” (.....) O seu uzo hé banhar o tumor que se pretende resolver, com o seo cozimento, e applicar-lhe as mesmas folhas cozidas”.

Arqueiro (*Papilionácea*, género *Erythrina*) — “Uza-se como a jarriha, quero dizer, fazendo dellas cozimento em agoa commua, banhando com elle a parte rezolovel...”

Banana curta, — “... hé dos mais prompts rezolutivos, principalmente dos tumores chamados frios, como gomas, etc. (...) pescoas há que uzam crua, mas a experiencia me tem advertido ser assada mais proveitoza”.

Fedegoço (*leguminosa*, género *Cassia*) — “Uzam-se as folhas cozidas em agoa fontânea. As mesmas folhas e flores fritas em qualquer enxundia, e applicadas a parte leza, fazem hum maravilhoso effeito”.

Malticia de Mulher (*Mimosa pudica* L.) — Hé muito bom rezotivo: applicão-se as suas folhas em cozimento, ou fritas em alguma enchundia, epecialmente de animaes deste Brazil, que sam penetrantissimas...” (...) em huma palavra, uza-se como eu tenho dito do fedegoço”.

DOS DETERGENTES

Vassourinha (*rubiácea*, *Cephalanthus* sp.) — “Ellas se applicão contuzas (verdes) á chaga, e se repete este methodo as vezes, que se fazem precisas”.

DOS INCRASSANTES PARA UZO INTERNO

Carraçizo chato (*malvácea*) — “Hé na verdade hum bom incrassante, suposto que o sabor seja quazi incipido e sem a minima adstringencia. Applica-se em cozimento tomado com assucar pela manhar em jejum, e taõbem de tarde, que nas gonorrhayas aproveita felizmente como a expeiencia me tem muitas vezes testificado”.

Orucú, urucu ou açafraõ (*iridácea*, *Crocus satibus* L.) — “... Pelos certos por onde eu andey as vi (as frutinhas do orucu) applicadas felizmente, ainda que sem methodo, porque enfim sam curiosos sem principios nem lição os homens, que por aquelles agrestes regioens

DOS ADSTRINGENTES

Pao Pamba (sem referência na bibliografia actual) — “... com effeito, obra prodigios (a casca) applicada a chagas digestas, a feridas, e em todos os cazos em que se preciza adstringir”.

Cajueiro (*anacardiácea*, *Anacardium occidentale* Lin.) — “O vulgo do Brazil cre que por tradição antiga ser o cajú hum bom antivenereo, virtude, que eu na verdade nunca lhes alcaney; mas antes sou testemunha ocular, de que o seu abuzo hé gravemente prejudicial, porque (creio eu) excita tão grave fermentação nos humores que della resulta hua acrimonia tal, que brota sarna, furunculos, prurito, e semelhantes...”

DOS CONTRAVENENOS, E FEBRIFUGOS

Dandá (espécie de junco) — “Não tem a continuação do tempo, nem a sagaz inquirição dos habitantes deste paiz descoberto remedio tão virtuozoz contra o veneno das cobras, e mais bichos peçonhentos do que o dandá”.

Mamoetro macho (*Carica papaya*, Lin.) — As suas flores “em forma de xarope sam muito bom remedio para as toces ferinas e pertinazes; em fim são, e merecem com razão o nome de flores cardeas”.

Pimenta malagueta (*Solanácea*, *Capsicum frutescens* Willd.) — “Quazi todos os habitantes deste paiz uzo da pimenta malagueta nos seus alimentos supprindo assim a falta daquella que se nos conduz da India Oriental”.

Mata-pasto (*leguminosa*, *Cassia bi-capsularis* Lin.) — “Nas febres malignas ardentes, e de várias outras especies aproveita muito a applicação das folhas do mata-pasto, tanto em cozimento, como o mesmo suco tomado em cristeis”.

DOS DIAFORETICOS

Gityrana, ou salsa-da-praia (*convolvulácea*, *Ipomea pes-caproe Sweet*) — Uso externo, “porque internamente tomada hé venenozza como bem se verifica vendo que mata os brutos que a comem, principalmente os cavalos, o que eu attribuo á grande virtude desaguante de que hé dotada”.

Abobora do mato (*cucurbitácea*) — “Muito poucos curiosos pazanos e menos professores de Medicina tem conhecimento deste vegetal; mas a experiencia me tem comprovado a sua prodigiosa virtude: elle hé (quanto a mim) entre os diaforeticos o mais effizaz de quantos se achão neste Brazil”.

DOS ANTIVENEREOS

Carôba (Bignoniácea, género *Jacarandá*) — "... ellas (as folhas) na verdade sam hum antivenereo dos melhores que até hoje se tem descoberto na Medicina, e melhor se a carôba hé nativa em lugares marítimos".

DOS ANTICOLICOS

Biquiba (sem referência na bibliografia atual) — "... poderoso antidoto contra a colica, que procede pincipalmente de cauza fria, e contra os flatos: ella faz baixar a purgação mênstrua das mulheres, e em fim serve para todos os uzos em que aproveita a nos moscada..."

Orelha de onça (menispermácea, *Cissampelos ovatifolia* DC) — "Alguns escritores que tratão deste vegetal (e não sem muitos defeitos na sua descrição) a virtude mais effcaz que lhe considerão hé ser a raz hum poderoso socorro para ostocigozos, e empiematicos".

DOS ANTI-SPASMODICOS

Mundobins, *manobins* ou *mudubins* (sem referência) — "Os mundobins limpos das suas cascas externas, ou sejam verdes, ou secos, plizados até consistencia de massa, fritos entam em qualquer banha, e melhor se for banha de teyú, ou giboia, animais particulares a este palz; esta massa digo eu, applicada com calor tolleravel á espinal medulla, e com suficiente fricção obra prodigiozos effectos... nos spasmos".

DOS REFRIGERANTES, E TEMPERANTES PARA UZO EXTERNO

Mandacaru (cactácea, *Cereus jamacaru* P DC.) — "virtude medicinal, que do mandacaru tem alcançado a minha noticia, e experiencia, toda consiste nos ramos mais novos por mais soculentos". (...) "... se applica em banho aos enfermos" (...) e também com as extremidades dos mesmos ramos assim dispostas, quero dizer izentos de espinhos, e casca partidas em suficientes talhadas, e intruzas pelo anu ao intestino recto, aproveita nos affectos hemorroidais que provocam calores, e ardores naquela parte".

Marque encontro com o folclore,

três vezes por ano,

nas páginas da

REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE

Publicação da

Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, MEC

Rua da Imprensa, 16 - 6.º andar, sala 604

Caixa Postal, 1897

CEP-20000 - RIO DE JANEIRO, GB, ZC-P.

ASSINAR PARA 1972

Cr\$ 5,00

Os valores deverão ser enviados em selos do correio.